

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

FELIPE SIMÕES DA MATTA

O MAL-ESTAR DA ATUALIDADE E A CULTURA DO IMPERATIVO DA
FELICIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DA VIDA DE
MICHEL HENRY

São Leopoldo

2018

FELIPE SIMÕES DA MATTA

O MAL-ESTAR DA ATUALIDADE E A CULTURA DO IMPERATIVO DA
FELICIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DA VIDA DE
MICHEL HENRY

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Teologia Prática
Linha de pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek
Co-orientador: Marcelo Ramos Saldanha

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M435m Matta, Felipe Simões da
O mal-estar da atualidade e a cultura do imperativo da
felicidade : contribuições da fenomenologia da vida de Michel
Henry/ Felipe Simões da Matta ; orientadora Karin Hellen
Kepler Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018.
72 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2018.

1. Felicidade. 2. Sofrimento – Aspectos psicológicos. 3.
Fenomenologia. 4. Henry, Michel, 1922-2002. 5. Civilização
moderna. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler, 1956- ,
orientadora. II. Título.

FELIPE SIMÕES DA MATTA

O MAL-ESTAR DA ATUALIDADE E A CULTURA DO IMPERATIVO DA
FELICIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DA VIDA DE
MICHEL HENRY

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de concentração: Teologia Prática
Linha de pesquisa: Dimensões do
Cuidado e Práticas Sociais

Data de aprovação:

Prof.^a Dr.^a Karin Hellen Kepler Wondracek (Presidente)

Prof. Dr. Marcelo Ramos Saldanha (EST)

Prof. Dr. Rolf Roberto Krüger (FLT)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me doado a vida e por mantê-la em todos os aspectos.

A minha esposa, amiga e companheira Patrícia, que com toda compreensão sempre me apoiou e incentivou.

A minha filha Elisa, que em sua gestação e nascimento me possibilitou a compreensão da doação da vida de forma concreta.

A minha mãe, pelo entusiasmo com o qual me incentivou e apoiou desde sempre na busca pelo conhecimento.

Ao grupo de pesquisa em Fenomenologia da Vida que me acolheu e pacientemente me acompanhou na elaboração desta pesquisa.

A professora e orientadora Karin H. K. Wondracek que me apresentou a Fenomenologia da Vida de forma encantadora. E que com generosidade partilhou do seu tempo e conhecimento na condução desta pesquisa.

Ao professor e co-orientador Marcelo Ramos Saldanha pelo auxílio no desenvolvimento da pesquisa, com sua habilidade de traduzir a complexidade da Fenomenologia da Vida em uma linguagem simples e acessível.

Aos colegas de Mestrado com os quais pude viver os desafios do desenvolvimento da pesquisa e da construção do conhecimento, assim como as partilhas das angústias geradas pela distância dos familiares.

Aos professores da Faculdades EST por todo o conhecimento transmitido e pelo convívio sempre tão agradável. Deixarão saudades!

Escrito com a própria carne durante a gestação de uma vida, da qual somente se observa e descobre a gênese e o seu desenvolvimento. E que diante dos anseios sobre o desenvolvimento saudável desta nova vida, naturais a todos os pais que esperam o nascimento de um filho, serenamos ao pensar: Fizemos seu coração bater? Ensinamos os seus movimentos vitais? Faremos os seus olhos enxergarem o mundo? Não! E assim reconhecemos, e desejamos voltar sempre a reconhecer, que recebemos também ela como doação para as nossas vidas doadas.

*Para Elisa (Für Elise)
O maior presente dado às nossas vidas doadas.*

RESUMO

O presente estudo aborda os imperativos de felicidade como fonte de mal-estar na atualidade, e seus desdobramentos. A partir da descrição dos temas pertinentes ao mal-estar da cultura atual, formula-se uma leitura filosófica e diagnóstica destas problemáticas, provocando uma reflexão crítica sobre as mesmas. A pergunta central da pesquisa é sobre a existência de uma relação entre o mal-estar da cultura atual e os imperativos de felicidade. Em seu capítulo inicial a pesquisa descreve as características da sociedade contemporânea, como a emancipação do ser humano de tudo o que o impedia de agir em outras épocas, a desconstrução de universais e crenças e a dominação da economia. A pesquisa assinala estas novas características da sociedade como facilitadoras para o surgimento e manutenção dos imperativos de felicidade. O segundo capítulo da pesquisa aponta para os desdobramentos destes aspectos sociais utilizando-se da Fenomenologia da Vida de Michel Henry, que descreve a sociedade atual como a sociedade que vive a desconstrução cultural como consequência da hegemonia da ciência moderna. Esta desconstrução cultural tem por consequência o esquecimento da vida, enquanto conceito fenomenológico. A pesquisa em sua conclusão propõe, a partir de Henry, o lembrar-se da vida como forma de superar a alienação do ego, possibilitando viver alegrias e modalizar sofrimentos.

Palavras-chave: Imperativos de felicidade. Mal-estar da atualidade. Fenomenologia da Vida.

ABSTRACT

This study deals with the imperatives of happiness as a source of malaise in current times and its ramifications. Based on the description of the themes which are pertinent to the malaise of the current culture, a philosophic and diagnostical reading of these problems was formulated, provoking a critical reflection about them. The central question of the research is about the existence of a relation between the malaise of the current culture and the imperatives of happiness. In its initial chapter the research describes the characteristics of contemporary society, such as the emancipation of the human being from everything which impeded action in other times, the deconstruction of universal beliefs and the domination of the economy. The research points out these new characteristics of the society as facilitators for the emergence and maintenance of the imperatives of happiness. The second chapter of the research points to the ramifications of these social aspects using the Phenomenology of Life by Michel Henry, who describes current society as the society which lives out the cultural deconstruction as a consequence of the hegemony of modern science. This cultural deconstruction has, as a consequence, forgetting life as a phenomenological concept. The research proposes in its conclusion, based on Henry, remembering life as a way of overcoming the alienation of the ego, making it possible to live joys and modify sufferings.

Keywords: Imperatives of happiness. Malaise of current times. Phenomenology of Life.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O MAL-ESTAR DA ATUALIDADE E SUAS FORMAS	17
2.1 As características da sociedade contemporânea	18
2.2 A contemporaneidade e a superação do sofrimento	21
2.3 A felicidade como produto	22
2.4 A libertação das fantasias desejosas	25
2.5 O processo de personalização como modelo social	27
2.6 A atualidade e o superego descentralizado	30
2.7 A patologização da tristeza	32
2.8 O marketing e a colonização do inconsciente	34
2.9 Sedução como estratégia de coerção ao gozo	37
2.10 A contemporaneidade e a libertação dos referenciais	40
2.11 Sínteses	41
3 O MAL-ESTAR DA ATUALIDADE E O ESQUECIMENTO DA VIDA	43
3.1 A barbárie como extinção da subjetividade e da cultura	44
3.2 Mal-estar da atualidade como exclusão da vida	47
3.3 A vida como doação	49
3.4 O ser humano entregue às próprias realizações	52
3.5 Lembrar-se da vida como superação da alienação do ego	57
3.6 Modalização como adesão ao sofrimento – revelação da vida	59
4 CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	67
ANEXO A	71

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem-se percebido uma enxurrada de livros, cursos e serviços com temas relacionados à felicidade, abarrotados de promessas de como alcançá-la. As receitas são as mais diversas. O marketing também se especializou na tarefa de travestir produtos com a temática felicidade. A felicidade deixou de ser um horizonte ou possibilidade e passou a ser uma obrigação. A sociedade contemporânea vive, assim, uma ditadura da felicidade. Se a felicidade é o bem maior, e o objetivo a ser alcançado, o sofrimento é algo a ser superado. Surge então o movimento de patologização dos sofrimentos. Quando a felicidade é imposição nenhum tipo de dissabor é suportado. E como possibilidade de superar este sofrimento, considerado agora uma patologia, diversos medicamentos são colocados à disposição. A consequência é a incapacidade de lidar com os mínimos problemas, impossibilitando também a exploração e exercício de potenciais pessoais para o enfrentamento de dificuldades.

O assunto que será abordado nesta pesquisa é o imperativo de felicidade como fonte de mal-estar na atualidade, e seus desdobramentos, utilizando-se das contribuições de diversos teóricos como Zygmunt Bauman, Sigmund Freud, Gilles Lipovetsky, Joel Birman, Maria Rita Kehl, Michel Henry, entre outros. A partir da descrição dos temas pertinentes ao mal-estar da cultura atual, relacionado aos imperativos de felicidade, pretende-se formular uma leitura filosófica e diagnóstica destas problemáticas, provocando uma reflexão crítica sobre as mesmas. A pergunta central que será respondida nesta pesquisa é: Qual a relação entre o mal-estar da atualidade e a cultura dos imperativos de felicidade impostos constantemente, na ótica conceitual dos teóricos utilizados e de Michel Henry a partir da sua Fenomenologia da Vida?

A presente pesquisa tem por objetivo descrever a cultura do imperativo da felicidade e seu mal-estar; relacionar o conceito henryano de ilusão transcendental do ego aos imperativos de felicidade; e propor o nascimento para a Vida, conceituado por Michel Henry, como alternativa ao mal-estar da cultura atual e seus imperativos do ego.

Em seu capítulo inicial a pesquisa descreve as características da sociedade contemporânea, como a emancipação do ser humano de tudo o que o impedia de

agir em outras épocas, a desconstrução de universais e crenças e a dominação da economia. Também explorando as características atuais da superação do sofrimento como patológico, e o fortalecimento do hedonismo como filosofia de vida. A pesquisa aponta estas novas características da sociedade como facilitadoras para o surgimento e manutenção dos imperativos de felicidade. De acordo com os conceitos psicanalíticos de princípio de prazer e princípio de realidade, a sociedade contemporânea, diferentemente de tempos anteriores, se encontra em uma entrega completa ao princípio do prazer, sendo possível dar vazão ao impulso primitivo da busca pela satisfação contínua e ao mesmo tempo exercendo a evitação do sofrimento.

Todas estas modificações que a sociedade contemporânea apresenta possuem fortes consequências para a sociedade e para a vida humana. O segundo capítulo da pesquisa aponta para os desdobramentos destes aspectos sociais utilizando-se da Fenomenologia da Vida de Michel Henry. O autor descreve a sociedade atual como a sociedade que vive a desconstrução cultural como consequência da hegemonia da ciência moderna, ao que chama de Barbárie. A Barbárie seria o considerar a ciência moderna como a única forma de conhecimento válido, excluindo-se as artes, a religião, e todas as demais expressões culturais como saberes da vida. Sendo estes substituídos pelos saberes das ciências exatas como física, geometria, matemática. Neste processo a vida sofre uma redução, e como conceito fenomenológico é deixada de lado e esquecida. Esquecido da vida, alienado, e aberto ao mundo, o ser humano da atualidade está entregue aos imperativos de felicidade. Sofrendo constantemente o mal-estar gerado por nunca conseguir alcançar a felicidade prometida. Henry propõe o lembrar-se da vida como forma de superar esta alienação do ego, possibilitando viver alegrias e modalizar sofrimentos. Desta forma abre-se uma perspectiva de superar o mal-estar causado pelo imperativo da felicidade mediante a fruição da vida, tanto no seu sofrer como na sua alegria.

2 O MAL-ESTAR DA ATUALIDADE E SUAS FORMAS

“O perigo do passado era que os homens se tornassem
escravos.
O perigo do futuro é que os homens se tornem autômatos.”

Erich Fromm

Freud em seu texto *Mal-Estar na Civilização*¹ descreveu a civilização como um acordo social que coibia as pulsões e desejos individuais relacionadas à ordem sexual ou de agressividade. Nesta sociedade a população trocava um pouco de sua liberdade individual pela tão desejada segurança. Diferentemente do descrito por Freud, a realidade da sociedade contemporânea é regida pelo demasiadamente humano clamor pelo prazer. O prazer é posto como dever, que deve ser conquistado e vivenciado, a partir do desejo e esforço individuais. O sistema de troca ainda permanece, mas na sociedade contemporânea os sujeitos trocam suas possibilidades de segurança por uma promessa de felicidade. Como descreve Bauman: “Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.”²

Este capítulo explorará as características desta nova sociedade, com a queda dos universais, a mudança das relações sociais e das produções culturais, o papel central da ciência moderna e especialmente os imperativos de felicidade aos quais o ser humano da atualidade está cativo. Aliada a estes imperativos de felicidade está a temática da superação do sofrimento, que patologiza e medicaliza a tristeza. A felicidade então pode ser gerida e vendida como um produto, e é assim relacionada em formato de marketing a outros produtos e serviços. Também serão abordadas, utilizando-se de conceitos da psicanálise, as modificações que ocorrem no inconsciente no ser humano da sociedade contemporânea como a subordinação dos sujeitos ao princípio do prazer, e o processo de individualização como transformação da identidade humana em funções ou tarefas.

¹ FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Volume XXI.

² BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 6.

2.1 As características da sociedade contemporânea

Uma das características da sociedade contemporânea é a desconstrução de universais e crenças, como a crença no ato da criação, revelação, salvação e condenação eternas. O sujeito da atualidade, emancipado destas crenças, vive por sua própria conta. Desenvolve-se em suas habilidades e capacidades, aperfeiçoa-se, cria recursos, e faz tudo o que é possível fazer. Não sendo mais possível definir e vivenciar um limite. Não é possível parar de avançar, e nem simplesmente ficar parado. E a satisfação que motiva todo este movimento nunca é alcançada. Com a emancipação dos universais não existe uma linha de chegada para alcançar. O objetivo está sempre no futuro. A ciência moderna reproduz o mesmo movimento. Obedecendo a lógica de que se é possível realizar algo, este precisa e deve ser realizado.

A sociedade contemporânea desenvolve-se a partir do dever da emancipação. Emancipação como libertação, como sentimento de liberdade, de livrar-se de tudo aquilo que possa ter uma função de impedimento do agir. Libertar-se da sociedade, das experiências de dificuldade, de obstáculos e desprazeres. O sujeito considerado livre seria aquele capaz de agir e realizar na mesma proporção em que sonha ou deseja. Seria uma total entrega ao que Sigmund Freud³ denominou de princípio do prazer, sendo um impulso primitivo que busca a satisfação imediata e repetição contínua desta, e constante evitação da dor e do sofrimento. O princípio do prazer é regido pelo *id*⁴, como força inconsciente. O princípio da realidade opõe-se ao princípio do prazer, sendo regido pelo *ego*, tendo como principal função satisfazer os desejos do *id*, mas de uma maneira socialmente adequada, levando em conta a realidade social e os princípios éticos e legais vigentes.

Bauman, em sua leitura da sociedade contemporânea, afirma que esta possui características líquidas, onde todos os universais são desfeitos e excluídos e

³ FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Volume XVIII., p. 52.

⁴ Entre 1920 e 1923, Freud remodela a teoria do aparelho psíquico e introduz os conceitos de *id*, *ego* e *superego* para referir-se aos três sistemas da personalidade. O *id* constitui o reservatório da energia psíquica, é onde se "localizam" as pulsões: a de vida e de morte. Para Freud o *id* é regido pelo princípio do prazer, como um constante movimento pulsional. BOCK, Ana Maria. **A Psicologia e as Psicologias**. p. 76-78. Disponível em: <<http://files.portfolioeducacional.webnode.pt/200000047-a3b16a4aaf/A%20Psicologia%20e%20as%20Psicologias.pdf>> . Acesso em: 15 maio. 2018.

nada é colocado em seu lugar como substituição. Na tentativa de superar preceitos éticos que para Freud, em sua época, eram os causadores de mal-estar como exigências ao ego, a sociedade atual tenta eludir esse mal-estar, colocando essa ética entre parênteses. O poder de derreter com as próprias mãos os sólidos⁵ milenares das obrigações e preceitos que engessam a sociedade com obrigações e uma ética ultrapassada, que emperram o desenvolvimento e a criação de um novo sólido promissor. Os principais artifícios utilizados nesta modificação possuem por base a racionalidade e o conhecimento científico. E são apresentados como promessas de solucionar todos os problemas da humanidade e salvá-la de seus conflitos. Porém, o resultado não tem sido este. Com o advento da sociedade contemporânea como modernidade líquida, sem universais, a crise existencial do ser humano se mostra crescente como em nenhum outro momento da história.

Este libertar-se é compreendido por alguns autores como bênção e por outros como maldição. Zygmunt Bauman cita pensadores como Thomas Hobbes e Émile Durkheim argumentando que o sujeito que vive livre das limitações e sujeições às regras sociais, na ausência de leis e limites eficazes “faz a vida ‘detestável, brutal e curta” – e, assim, qualquer coisa, menos feliz.”⁶ Desta forma denuncia-se uma contradição entre libertação e dependência, sendo a solução para o mal-estar a submissão à sociedade e suas regras balizadoras, e não a libertação delas a partir da ausência ou falta de clareza das normas. Em prol desta libertação estão as afirmações pelo fim da definição da característica e natureza social do ser humano, que determinam suas ações. Nesta lógica as balizas do agir social devem ser encontradas dentro do sujeito, a partir dos seus desejos e objetivos, e não mais na vivência social, em princípios sociais e neste outro relacional que passa a ser um desconhecido, com o qual não há identificação.

A sociedade contemporânea é descrita também como a *época do Outro que não existe*. A alteridade como relação com o outro como semelhante, que também possui desejos e direitos, e que deve ser respeitado é um conceito ultrapassado. Diferentemente de Freud, que observava o convívio social como gerador de um mal-estar necessário para a sobrevivência da própria civilização, limitando os desejos e

⁵ Zygmunt Bauman utiliza o termo *Sólido* como alegoria para descrever os paradigmas das sociedades tradicionais anteriores às sociedades modernas. Bauman afirma que a sociedade atual está “derretendo” o que é sólido, pois o considera um impedimento para o desenvolvimento da vida moderna.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 30.

pulsões do ser humano, diferenciando-o da vida animal.⁷ Este Outro limitador, no convívio social da contemporaneidade, deve ser superado. Diante da libertação das velhas gaiolas e os velhos moldes, a promessa de felicidade é a afirmação de que esta seria a consequência da realocação pelos próprios esforços nos novos e pré-fabricados moldes. Os novos moldes, sólidos e supostamente permanentes e administráveis, determinam classes, expectativas e condições de vida. Porém, a realocação (e conseqüentemente a felicidade) é obrigatória, pois existem severas admoestações e censuras para caso não se consiga encontrar o seu novo lugar ao sol. Bauman afirma que os sujeitos livres têm a tarefa de “usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar.”⁸

A felicidade também é compreendida como a superação dos velhos limites. A sociedade contemporânea possui a forte característica do “sem limite”. Na sociedade contemporânea, com a internet, as distâncias foram ultrapassadas. Também não há limites para a cura, com a evolução da indústria farmacológica, dos clones e do mapeamento genético. A beleza também tornou-se ilimitada, com a cosmética, a dermatologia e as plásticas estéticas. Porém, ao avaliar esta sociedade sem limites, logo se percebe que a equivalência em níveis de felicidade e bem estar não acompanha as superações de limites. Pelo contrário, observa-se um aumento dos quadros depressivos e o maior consumo de substâncias psicoativas, sendo elas farmacológicas ou não.⁹

Este derretimento dos sólidos abriu as portas e levou à progressiva libertação da economia, e de suas implicações culturais e éticas. O peso das conseqüências pelo fracasso, assim como a reponsabilidade pela não adaptação a estes moldes caem sobre os sujeitos. E este sistema faz com que se crie uma nova crença no poder de adaptação e realocação de cada um a partir de si mesmo. A crença nesta nova capacidade, e que ela é natural ao ser humano, é um pré-requisito para a sobrevivência na sociedade contemporânea. A possibilidade de alcançar a felicidade como fruto desta nova realocação é dada como obrigatória e

⁷ FREUD, 1987, p. 81-87.

⁸ BAUMAN, 2001, p. 14.

⁹ FORBES, Jorge. **Você quer o que deseja?** Rio de Janeiro: Best Seller, 2013. p. 40-46.

certa a partir desta nova crença. E a economia a partir do mercado e marketing propõe as mais diversas possibilidades para que o sujeito possa chegar lá.

2.2 A contemporaneidade e a superação do sofrimento

Aldous Huxley em seu livro *Admirável Mundo Novo* descreve um futuro moderno, com muitas tecnologias e facilidades, e onde homens e mulheres não mais controlariam suas próprias vidas. Nesta sociedade os imprevistos não existiriam. As vidas eram vividas como a execução de um roteiro produzido por supervisores, e que todos deveriam seguir a risca. O sofrimento é algo que pode ser evitado. A ficção de Huxley conta que o próprio estado subvencionou dois mil farmacologistas, e após seis anos de pesquisa eles criaram a droga perfeita. A partir de então todo e qualquer mal-estar pode ser resolvido com uma dose desta droga chamada de *soma*.¹⁰

A ficção de Aldous Huxley escrita em 1931 se mostra assustadoramente atual, como uma profecia em plena realização. A felicidade e o prazer são apresentados como condição obrigatória a vida. O prazer não pode ser interrompido, pensar não é uma possibilidade, e parar para assim vivenciar um tempo de ócio é um desperdício. Como descreve Huxley:

Atualmente, tal é o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não têm um instante, um momento de ócio para furtar ao prazer, nem um minuto para se sentarem a pensar – ou se, alguma vez, por um acaso infeliz, um abismo de tempo se abrir na substância sólida de suas distrações, sempre haverá o *soma*, o delicioso *soma* [...].¹¹

No cumprimento da profecia de Huxley a sociedade contemporânea, com sua forte ideologia biologizante, trata todas as dificuldades que a vida apresenta como problemas. Estes problemas são classificados como doenças, e a velha lógica de que para toda doença existe um *remédio* é reforçada com novo sentido. Os manuais de doença apresentam toda a complexa descrição de cada transtorno, que estão em número cada vez maior. Após a descrição vêm os critérios para os

¹⁰ HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1979. p. 34.

¹¹ HUXLEY, 1979, p. 36.

diagnósticos. Não é possível a não identificação com muitos deles. Então indica-se o tratamento, a partir de novas fórmulas e fármacos cada vez mais avançados.¹²

O grande alívio surge ao se “fechar um diagnóstico”. Sendo o “problema” diagnosticado, compreendido como algo relacionado a genética ou simplesmente orgânico, o paciente se sabe livre de responsabilidades. Não precisa mais buscar as causas e o sentido dos sintomas. A depressão, por exemplo, é apresentada como outra doença qualquer. Como contrair um vírus, ou fazer uma luxação. O sujeito não é responsável pelo próprio sofrimento. O problema não tem relação com o sujeito. Tampouco com o seu sistema familiar. E para solucionar o problema travestido como biológico e impessoal surge a prescrição de uma substância também impessoal, externa ao sujeito, adquirida em uma farmácia.¹³

Mas esta simplificação objetivante não resultou em bem-estar, pois na sociedade contemporânea é comum os que afirmam um “sentimento de infelicidade”. Estes são a maioria. São poucos os que buscam identificar as causas e nomear esta infelicidade. O sentimento de infelicidade tão anunciado é algo solto, sem descrição, sem raízes ou causas identificáveis. Igualmente vago é o desejo pela felicidade que deve ser perseguida e alcançada por todos sem exceção. O que se vive na sociedade contemporânea é uma ditadura desta felicidade anunciada, em um anúncio vago. Aqui e somente aqui cabe o papel do outro nas relações sociais vigentes. O outro que se pode observar, percebendo as suas dificuldades e a sua infelicidade, com um olhar clínico, para identificar a fonte desta infelicidade e assim encontrar formas de sobrepujá-la.¹⁴

2.3 A felicidade como produto

A empresa do marketing, que tem por objetivo determinar que produtos ou serviços se tornem desejáveis aos consumidores, e por vezes criando necessidades, compreendeu muito bem o imperativo¹⁵ da felicidade na sociedade contemporânea,

¹² É importante esclarecer que esta crítica não está relacionada aos avanços da farmacologia e aos benefícios que esta possibilita à medicina moderna, mas sim a biologização da saúde e especialmente da saúde mental, que constantemente transforma problemas psicológicos e emocionais em doenças que só podem ser curadas mediante tratamento químico.

¹³ FORBES, 2013, p. 56-57.

¹⁴ BAUMAN, 2001, p. 86-87.

¹⁵ Imperativo é um termo da filosofia criado por Immanuel Kant, talvez por analogia com o termo bíblico mandamento, para indicar a fórmula que expressa uma norma da razão. Uma ordem ou exigência dada a alguém.

e que esta felicidade é algo não nomeado, sem formas e intangível. E para isso o marketing moderno traveste produtos e serviços com a promessa de felicidade. E com os novos significados vende toda sorte de produtos, medicamentos, cirurgias, e outros serviços. Uma forte demanda atual é a da felicidade alcançada a partir do corpo ideal. O ideal vem de um corpo oferecido como exemplo. Uma imagem ou propaganda, da qual os corpos são emprestados, memorizados e rememorados na esperança de que, em algum momento, ele possa ser encontrado no espelho.

O marketing buscando a sua eficácia possui forte característica de sedução, disparando sua mensagem para todos os lados, e de forma indiscriminada. O consumo é proposto como algo necessariamente abundante, e visto por todos. Ao consumidor que cumpre o seu papel é dado o aplauso público, com uma nuance de fama. O desejo despertado e concretizado ao adquirir o então objeto de desejo sempre gera um deslumbrante espetáculo, visto por todos, tornando-se também objeto de desejo. E o fundamental é que cada produto, serviço ou estilo de vida seja oferecido como condição necessária para se alcançar a felicidade, e por vezes a dignidade humana.¹⁶

O consumo como condição *sine qua non* para a felicidade é defendido nas campanhas de marketing que prometem o alcance da pretendida felicidade vinculada ao consumo. Porém, na realidade existem mais sujeitos que podem apenas ouvir o conteúdo desta propaganda do que aqueles que podem corresponder a ela consumindo. E todos os que não podem corresponder as campanhas, dando voz aos desejos produzidos, passam a vida contemplando o belo espetáculo dos que podem fazê-lo. Para esta fatia excluída da sociedade cabe a culpa por não conseguir, com os seus próprios esforços, alcançar a sua felicidade. A frustração deste desejar e não poder corresponder aos desejos de consumo também é compreendido como um forte propulsor à criminalidade.

Só que aqueles que conseguem corresponder a ordem do consumo também não encontram a destinada felicidade, ou mesmo a sensação buscada. Ao falar sobre a satisfação de desejos, Freud afirma que quando um determinado objeto de desejo é alcançado, na busca de satisfação, imediatamente surge um sentimento de insatisfação, levando o sujeito a buscar um novo objeto de desejo, em um processo contínuo e sem fim.¹⁷ Não há quantidade do que pode ser adquirido que satisfaça o

¹⁶ BAUMAN, 2001, p. 37-38.

¹⁷ FREUD, 1987, p. 15-19.

desejo humano. O padrão que se deseja alcançar pelas conquistas do consumo também é inalcançável. Na realidade o padrão buscado não existe, pois está em constante mudança, avançando na mesma velocidade da corrida, sempre distante dos corredores. A velocidade da corrida é cada vez maior, com novos recordes propostos e logo quebrados. Novas habilidades são desenvolvidas, e maiores são as cifras investidas. E se constata que a frustração continua, diante de tantos esforços sem a obtenção do resultado prometido.

A felicidade como ordem e promessa toma as mais diversas formas nas propagandas e enunciados da sociedade contemporânea. E todo o esforço é feito para alcançá-la individualmente. E mesmo que se consiga alcançar um objetivo que prometeria trazê-la, ou um produto que a representa ou aderir a um movimento ou contratar um serviço, logo se percebe que a prometida felicidade não está presente. Primeiramente porque a promessa mercantil utilizou-se do conceito felicidade para vender algo. E em segundo lugar porque o desejo por determinado objetivo ou objeto, quando este é alcançado, no mesmo momento migra para outro lugar. O psicanalista Jorge Forbes afirma que “nada que alguém possa querer é suficiente para satisfazer o desejo. Desejar, lembrava Lacan, é sempre desejar outra coisa, a ponto de podermos agradecer a quem não nos dá o que foi pedido”.¹⁸

Também a corporeidade sofre sob este imperativo. O corpo ideal, prometido como realização da felicidade, precisa ser tratado como o “meu corpo”, minha propriedade, e principalmente como um “produto” do próprio esforço e responsabilidade. A este corpo existe a ordenança do cuidado, de não negligenciá-lo, e caso isso aconteça o sujeito deve sentir-se culpado e envergonhado. O corpo ideal, e conseqüentemente a felicidade não foram alcançados pela falta do seu esforço. Bauman cita o exemplo da atriz Jane Fonda, que se oferece como exemplo de mulher famosa, amada e objeto de admiração: “Você certamente gostaria de ter – de ser – um corpo como o meu. Meu corpo é meu trabalho; se você se exercitar como eu, você poderá tê-lo. Se você sonha em “ser como Jane Fonda”, lembre-se que fui eu, Jane Fonda, que fiz de mim a Jane Fonda desses sonhos”.¹⁹

A sociedade do consumo apresenta, assim, a felicidade como algo que será alcançado quando se tiver aquilo que não se tem. Quando as faltas forem preenchidas. Estas afirmações são feitas diante de um suposto poder do ego, de

¹⁸ FORBES, 2013, p. 5.

¹⁹ BAUMAN, 2001, p. 87.

conseguir por si próprio alcançar o que é necessário para uma realização completa. E diante desta promessa toda a sociedade vai às compras. Em lojas, na rua, em casa, nos sites de compras, até que toda a política de vida derive do padrão de ir às compras. Para cada espaço da vida ou da casa, para cada habilidade não aprendida, e para cada novo conhecimento ou formação necessários para o desenvolvimento profissional existe uma compra que pode ser feita. Consequentemente se acredita que se é o que se tem ou se está vestindo.

A mesma lógica é aplicada aos relacionamentos, de relações que devem ser desfeitas quando deixam de agradar. Das comidas mais saborosas até as melhores dietas. A lista de possibilidades é infinita. A única coisa que não consta nesta lista é a possibilidade de não buscar a realização pessoal e a felicidade nas compras. Em outras palavras, sempre será do nosso alcance buscar a felicidade. Basta querer! Temos o poder em nós!²⁰

2.4 A libertação das fantasias desejosas

Porém, o desenvolvimento da história do consumo sempre enfrenta obstáculos que limitam a liberdade da fantasia do “princípio do prazer”, reduzindo-o ao tamanho do “princípio da realidade”²¹. Aqui entra em cena o “querer”, como desejo criado externamente, e que substitui a vontade como propulsora ao consumo. Este querer, como desejo desenvolvido, dá liberdade ao princípio do prazer, libertando-o dos impedimentos do princípio de realidade afirmados pela sociedade. A civilização e os desejos individuais na forma em que são representados estão em constante conflito. Na sociedade de consumo cada membro recebe o papel unicamente de consumidor. O papel de produtor não existe. Consequentemente tudo o que se busca deve ser encontrado externamente, como produto. As realizações e alegrias não estão nas vivências, no social ou nas potencialidades da

²⁰ BAUMAN, 2001, p. 96-97.

²¹ Princípio do Prazer e Princípio de Realidade são conceitos freudianos. O princípio do prazer é a força motriz do id. Atuando como busca constante de satisfação imediata dos impulsos humanos, podendo ter caráter de desejo ou de necessidade primária. O princípio de realidade, ao contrário do conceito anterior, surge dos limites impostos pela realidade e pela vivência em sociedade. No princípio de realidade a satisfação buscada deve ser postergada, e por vezes substituída por um novo objeto de desejo. O princípio de realidade submete os desejos do princípio do prazer as regras culturais e sociais, decidindo sobre quais destes impulsos podem ser satisfeitos, quando podem ser satisfeitos e onde são aceitáveis.

vida em si. A ordem pela felicidade se traduz como ordem ao consumo, sendo esta a única forma de realização pessoal.

A busca pela imprescindível felicidade tornou-se uma atividade de investigação, que busca a sua realização em todos os lugares possíveis. Uma tentativa para alcançar a felicidade seria pela superação da civilização que pela sua condição e função constrói uma renúncia sobre o instinto, especialmente sobre a sexualidade e a agressividade. A civilização, como ordem imposta a uma humanidade naturalmente desordenada. O princípio do prazer é reduzido ao princípio de realidade. Porém, nos dias de hoje, a renúncia aos instintos é interpretada como um injustificado atentado contra a liberdade individual. Como afirma Bauman: “Nossa hora, contudo, é a da desregulamentação. O princípio de realidade, hoje, tem de se defender no tribunal de justiça onde o princípio de prazer é o juiz que a está presidindo.”²²

Subordinado ao princípio do prazer, o consumo da atualidade não está relacionado a adquirir determinado produto ou serviço, mas sim em liberar fantasias desejosas. Despertar desejo é um trabalho duro e dispendioso, que exige esforço e uma certa leitura da realidade. Neste sistema não são os produtos e serviços que são entregues às pessoas, mas sim as pessoas é que são entregues, de forma gradativa e crescente aos produtos. As sensações e experiências propostas pelas vendas passam a dar significado e forma às vidas. E por isso precisam utilizar-se da ideia de que é possível expressar a si mesmo e demonstrar uma imagem de felicidade e completude a partir de suas posses. Para esta tarefa é possível utilizar-se das redes sociais, pois o ser humano tende a ver a vida alheia como uma obra de arte. Fracassos e sofrimentos geralmente não são demonstrados. Vendo a vida do outro desta forma se tenta construir a própria vida com a mesma aparência.²³

Cabe aqui o relato da história de um amigo contada pelo psicanalista Ricardo Goldenberg, onde este amigo, que provinha de uma família simples e pela promessa de galgar outra classe social batalhou muito na vida em busca de suas metas. Por fim conseguiu adquirir seu carro, os mais diversos eletroeletrônicos para a sua casa, um revolver, entre outros bens. E comovido lamenta não conseguir desfrutar de nada. Como um homem que diante da mulher desejada, entregue a ele, é acometido pela impotência sexual. Assim é o ser humano da atualidade, que

²² BAUMAN, 2001, p. 5.

²³ BAUMAN, 2001, p. 93-111.

deseja o que lhe é proposto como objeto de felicidade e realização, e que ao conquistá-lo não consegue desfrutar, ou porque o desejo migrou para o próximo objeto da lista, ou porque empregando todo o seu tempo no trabalho necessário para gerar renda no adquirir novos bens e serviços não lhe sobra tempo para desfrutar do que adquiriu.²⁴

E mesmo que o sujeito tenha o tempo necessário para desfrutar do bem adquirido, enquanto resiste a tentação de adquirir o novo objeto mediante as regras da obsolescência programada, a realização prometida não será experimentada. O gozo²⁵ prometido faz parte de um discurso previamente elaborado, e propagado pelo que Lacan, servindo-se de Marx, chamou de fetichismo das mercadorias. Como lembra Gondenberg: “O argumento que está em vias de tornar-se canônico entre os psicanalistas é que o consumidor consumido resulta da globalização crescente dos mercados, que oferecem para gozo de todos os mesmos objetos – satisfação (universal) garantida ou seu dinheiro de volta.”²⁶

2.5 O processo de personalização como modelo social

Na sociedade contemporânea o individualismo ocidental passa por um novo capítulo de sua história, como sendo uma segunda revolução individualista. Este novo formato do individualismo é caracterizado por uma nova configuração de controle dos comportamentos, adaptados a valores hedonistas, permissivos em uma cultura psicologizante, que tem por resultado o processo de personalização. O processo de personalização é uma nova forma de organização, orientação e gerenciamentos dos comportamentos da sociedade. Diferente do gerenciamento de comportamentos via absolutismo e coação, vivido em outros tempos, agora com um número maior de opções, com menos constrangimento e mais compreensão.²⁷

²⁴ GOLDENBERG, Ricardo (Org.). **Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise**. Salvador: Ágalma, 1997. p. 10-11.

²⁵ “Gozo é um termo utilizado em psicanálise, em especial por Jacques Lacan. [...] Gozo aqui não é apenas sinônimo de prazer, mas sugestiona uma identificação, ou também uma repetição. O gozo é um movimento ligado à busca de algo que foi perdido, que falta no lugar do Outro.” MATTA, Felipe S.; PEDRON, Camila B. (Orgs.). **Dependência Química: aportes para o Atendimento Psicossocial**. Blumenau: Cruz Azul no Brasil, 2017. p. 62.

²⁶ GOLDENBERG, 1997, p. 13.

²⁷ LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Manole, 2009. p. 8-9.

O processo de personalização carrega aspectos positivos, como a flexibilidade social, no que diz respeito a levar em conta necessidades, sexualidade, e outros fatores humanos, a partir de um olhar de cordialidade e naturalidade. Mas o processo de personalização também traz aspectos negativos, em especial na quebra da socialização a partir de elevação do individual como o culto à libertação pessoal, o modelo hedonista, a expressão livre, em um movimento de uma nova autonomia, que não leva em conta o outro como um igual. O ideal social da subordinação a regras racionais coletivas não existe mais, dando lugar ao novo valor fundamental da realização pessoal e do respeito pela singularidade subjetiva. Aos contemporâneos não há valores maiores, ou fatos sociais mais significativos do que escolher sem restrições as formas de existir, e viver livre sem qualquer coação.²⁸

A sociedade contemporânea desenvolvida a partir do processo de personalização com bases construídas sobre preceitos abertos e plurais possibilita considerar o hedonismo e o individualismo personalizados como realidades legítimas, sem nenhuma espécie de oposição ou barreira. Como esta realidade nunca havia sido alcançada, o sentimento que reina é o de que se chegou ao fim. A sociedade contemporânea está estagnada. O futuro finalmente chegou. A era da esperança futurista, das revoluções, do modernismo e da salvação cientificista chegou ao fim. Lipovetsky ao analisar a sociedade contemporânea afirma: “A confiança e a fé no futuro dissolvem-se, nos amanhãs radiosos da revolução e do progresso já ninguém acredita, doravante o que se quer é viver já, aqui e agora, ser-se jovem em vez de forjar o homem novo.”²⁹

A realidade assim apresentada tem uma forte relação com o personagem da mitologia grega chamado Sísifo. De acordo com os relatos da mitologia grega Sísifo era o mestre da malícia e também da felicidade. Sísifo tinha amor pela vida, e em determinado momento acorrentou a morte. E Plutão não tolerando o seu espetáculo enviou o deus da guerra e libertou a morte das mãos de Sísifo. Sísifo desprezava os deuses, e estes lhe renderam um castigo eterno, no pior dos infernos, onde Mercúrio o jogou. Sísifo foi condenado a passar toda a eternidade rolando um rochedo incessantemente até o alto de uma montanha, onde a pedra descia novamente pelo seu próprio peso. Para então ser empurrada morro acima novamente. É o retrato do

²⁸ LIPOVETSKY, 2009, p. 9-10.

²⁹ LIPOVETSKY, 2009, p. 13.

corpo estirado para levantar a enorme pedra, e com o rosto nela colado com enorme esforço e sofrimento incessante.³⁰

Para os deuses do mito de Sísifo não existiria punição mais terrível do que um trabalho inútil, sem esperança, e sem completar nada. O ser humano da sociedade contemporânea, assim como Sísifo, está condenado a buscar esta felicidade, sem nunca a alcançar. Sozinho, como o mestre da felicidade, se esforça continuamente para tentar alcançar o inalcançável. O trabalho de Sísifo era a sua sabida condenação, e claramente sem um ponto de chegada. A felicidade como penalidade humana é buscada como o melhor dos predicados e na certeza de que vai ser alcançada. Esta certeza está baseada na crença de um poder pessoal, capaz de alcançar tais realizações. Como tal poder é ilusório, o resultado não é alcançado. E tragicamente na atualidade esta eterna busca não é vista como condenação. Albert Camus em seu livro *O Mito de Sísifo* afirma que “A felicidade e o absurdo são dois filhos da mesma terra. São inseparáveis. [...] A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher o coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz.”³¹

Em busca da felicidade prometida sob forma de ordenança o pecado está no ato de parar. A busca é constante. Se a felicidade ainda não foi alcançada é preciso buscar mais informações, receitas e conselhos sobre como chegar lá. Procurar por conselhos e orientações passa a ser uma compulsão. Não se pode privar de novas doses. E toda receita se torna atraente na medida em que não é testada. Mas na prática todas elas ficam aquém do que prometiam. E quando a receita falha, busca-se outros conselhos. Alguém precisa dizer ao sujeito o que este tem que fazer. A promessa da busca por uma vida de felicidade e sem dores e sofrimentos é uma busca que tem um ponto de partida. Mas que possivelmente não terá um ponto de chegada.

O que vale aqui é a corrida. O incessante rolar da pedra para o cimo da montanha para então voltar para novamente busca-la. Existe uma satisfação em permanecer na corrida. A linha de chegada com os seus prêmios quase nunca é alcançada. E quando o é, não há satisfação pelos prêmios recebidos. Pois novos prêmios são apresentados com acenos e fascinação. O desejo passa a ser o próprio

³⁰ CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 74-75.

³¹ CAMUS, 2004, p. 76.

e único propósito, pois este não pode ser contestado ou questionado. Desejar passa a ser o desejo verdadeiro. Os imperativos da atualidade funcionam como contadores de voltas, mantendo todos em movimento na corrida. O discurso apresentado pela sociedade do consumo é sempre o discurso da escolha. E tudo é uma questão de escolha. A única escolha que não é possível é a de não escolher.³²

2.6 A atualidade e o superego descentralizado

A psicanálise compreende a construção da moralidade e dos valores sociais do sujeito a partir do desenvolvimento do superego.³³ Na sociedade contemporânea, a partir da frequência dos divórcios, a figura paterna sofre um desaparecimento social, levando os filhos a imaginarem a mãe como uma figura castradora deste pai. O filho passa então a alimentar o sonho de substituir este pai, sendo ele mesmo o falo. A possibilidade de realização deste sonho passa pela conquista do sucesso, da fama, alcançando patamares sociais de destaque ou tornando-se uma celebridade. Para estes filhos o superego não desaparece, mas, a partir de funções parentais compartilhadas, e com uma forma de educação permissiva, o superego se apresenta de forma descentralizada e ditatorial, com uma comunicação de ideais não tão claros. Resultando em uma forte autocrítica ao ego quando estes ideais de sucesso não são alcançados.³⁴

A mídia se vale desta relação com as celebridades como estratégia de marketing, promovendo a fascinação pelas personalidades célebres, ídolos e estrelas, encorajando e intensificando o sonho de alcançar também este papel de glória social, com todo o reconhecimento intrínseco ao destaque. Tendo como objetivo a alteração do próprio status social, a banalidade da existência quotidiana passa a ser inaceitável, assim como a identificação com os pares não é mais possível. Como estas ambições são realisticamente desmedidas, com um

³² BAUMAN, 2001, p. 93-95.

³³ Superego é um conceito criado por Sigmund Freud para designar uma das três instâncias que formam o inconsciente, juntamente com o Ego e o Id. O superego mergulha suas raízes no Id e, de uma maneira implacável, exerce as funções de juiz e censor. ROUDINESCO, Elisabeth, PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998. "O superego origina-se com o complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. A moral, os ideais são funções do superego. O conteúdo do superego refere-se a exigências sociais e culturais." BOCK, Ana Maria. **A Psicologia e as Psicologias**. Disponível em: <<http://files.portfolioeducacional.webnode.pt/200000047-a3b16a4aaf/A%20Psicologia%20e%20as%20Psicologias.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2018. p. 78.

³⁴ LIPOVETSKY, 2009, p. 67-69.

cumprimento impossível, a autoacusação e o desprezo por si próprio são os únicos resultados possíveis. A entrega a todos estes imperativos sociais, por fim, acaba sendo motivada por um superego descentralizado e que cumpre uma função contra o próprio sujeito. O que se verifica na atualidade é que nunca antes houve tamanha proporção de incertezas, frustrações, ansiedade, descontentamento e auto rejeição.³⁵

A marca registrada da sociedade contemporânea é a sociedade de indivíduos, e não mais de cidadãos. Aqui os cidadãos passam pelo processo que Bauman³⁶ chama de individualização. Na individualização a identidade humana é transformada em um “dado” ou “tarefa”, e cabe a este a responsabilidade pela realização destas tarefas, assim como das possíveis consequências que possam surgir. Na atualidade o sujeito torna-se um ser realizante, e o movimento de realizar algo é o que o constitui como ser. A identidade humana transformada em tarefa é o próprio mal-estar da constante demanda e dos diversos imperativos. Realizar na sociedade contemporânea é obrigatório, mas não mais ombro a ombro, na companhia de pares, como cidadão. O imperativo é de realizar tarefas e alcançar conquistas, sempre como tarefa individual.

Em outro momento histórico o ser humano nascia com sua identidade, a partir do seu “lugar social”. Se o sujeito nascia como burguês, bastava aprender a viver como tal. Na sociedade contemporânea é preciso sempre “buscar tornar-se o que se é”. Em outras palavras, o ego é sobrecarregado com construir-se segundo essa imagem que lhe é fornecida pela sociedade contemporânea. É como se o sujeito em si estivesse inacabado. É a lei da autodeterminação aplicada a todos os setores da sociedade, de forma compulsiva e obrigatória. Os lugares sociais aos quais se pertencia por hereditariedade foram substituídos pelas “classes” como objetivo de conquista construído individualmente. E para tanto não faltam as reportagens que enaltecem o jovem pobre da periferia que se formou em medicina em uma universidade pública. Transmitindo com sucesso e comoção dos telespectadores a mensagem de que basta se esforçar com muita força de vontade para alcançar o “sucesso”, aqui interpretado como escalar as classes sociais. O que

³⁵ LIPOVETSKY, 2009, p. 68-70.

³⁶ BAUMAN, 2001, p. 43.

é exceção que merece ser aplaudida se torna medida para todos, uma obrigação ao ego de também realizar esse salto.³⁷

2.7 A patologização da tristeza

Mas também existe uma pequena parcela da população que se nega a este movimento de produtividade, velocidade e consumo. Estes não se encantam com a proposta de galgar novas classes sociais a partir dos seus próprios esforços, mantendo-se em constante e veloz movimento. Para eles os sintomas do imperativo de felicidade e velocidade não são possibilidades reais. Esta parcela da população é a parcela dos depressivos, que tem aumentado a cada ano.³⁸ A depressão é também compreendida como uma expressão do mal-estar da atualidade. Como afirma Maria Rita Kehl: “o homem contemporâneo está particularmente sujeito a deprimir-se.”³⁹

O aumento do número de depressões como sintomas de mal-estar também denuncia a sociedade atual, que em seu formato de vida voltado à realização e ao prazer não suporta qualquer tipo de tristeza. E por isso acaba interpretando, diagnosticando e medicando simples tristezas como graves depressões. Tristeza é anomalia e defeito moral, e só estão autorizados a mencioná-la os psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e a indústria farmacológica. O sujeito é destituído do poder de lidar com as suas próprias questões, tristezas, melancolias e lutos, se assim o desejar. Esta sociedade que buscou e tem conquistado o direito à saúde e à alegria passou a coagir e obrigar o sujeito a ser feliz, não tolerando qualquer outro sentimento relacionado à vida. E muito menos aceitando que a tristeza, nas suas mais diferentes formas, é uma parte fundamental da vida. Como afirma Maria Rita

³⁷ BAUMAN, 2001, p. 47.

³⁸ O número de pessoas que vive com depressão está aumentando: 18% entre 2005 e 2015, segundo dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A estimativa é que, atualmente, 322 milhões de pessoas de todas as idades sofram com a doença no mundo. O número representa 4,4% da população do planeta. O Brasil tem a maior taxa de pessoas com depressão na América Latina e uma média que supera os índices mundiais. São 11.548.577 brasileiros que sofrem de depressão. 5,8% da população nacional é afetada pela doença, estima a OMS. A taxa média supera a de Cuba, com 5,5%, a do Paraguai, com 5,2%, além de Chile e Uruguai, com 5%. Fonte: RELATÓRIO Global da Organização Mundial da Saúde, 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

³⁹ KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. Bomtempo Editorial, 2015. p. 13.

Kehl: “Ao patologizar a tristeza, perde-se um importante saber sobre a dor de viver.”⁴⁰

Ao se medicalizar a tristeza e o luto se retira do sujeito que está passando pelo abalo da morte, doença ou acidente a possibilidade de elaborar tal situação, assim como lhe rouba o tempo necessário para lidar com as situações e sentimentos decorrentes dela. Muitas situações demandam de desenvolvimento de novos referenciais, nova forma e rotina de vida, outras normas, mas compatíveis com as perdas, ou até mesmo com uma fortuita incapacitação. Todas estas formas de elaboração demandam de tempo, convívio e mente consciente, sendo estas prejudicadas ou extinguidas pela medicalização da tristeza. Ou como afirmou um dos defensores do Prozac em uma reportagem ao jornal Valor Econômico: “O importante é que as pessoas tenham bem-estar e se aliviem das tensões que as acometem no dia a dia.”⁴¹

De acordo com a psicanálise, o depressivo também quer gozar⁴², mas a sua própria maneira. E esta maneira é uma maneira essencialmente lenta. O depressivo é aquele que foi retirado da sua própria temporalidade. E a forma lenta de viver do depressivo é, na atualidade, especialmente incompreendida e de certa forma irritante. O depressivo rema contra a maré da velocidade. E talvez seja por este motivo que a indústria farmacêutica se empenhe tanto em curá-lo. No século XIX as histéricas constituíam um grupo estrondoso e incômodo. Na atualidade os depressivos representam o papel de incômodo social, pois em sua forma de viver questionam a velocidade, a euforia e também o exibicionismo característicos do consumo. Também os esforçados e prestigiados da era da velocidade, que estão sempre em dia com as suas funções de produção e consumo sentem-se constantemente questionados pelos depressivos que não aderem ao sistema vigente.⁴³

⁴⁰ KEHL, 2015, p. 31.

⁴¹ KEHL, 2015, p. 32.

⁴² Gozo na compreensão psicanalítica, especialmente a partir de Lacan, está inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais. Posteriormente, o gozo foi repensado por Lacan no âmbito de uma teoria da identidade sexual, expressa em fórmulas da sexuação que levaram a distinguir o gozo fálico do gozo feminino (ou gozo dito suplementar). Cit.: ROUDINESCO; PLON, 1998.

⁴³ KEHL, 2015, p. 20-23.

2.8 O marketing e a colonização do inconsciente

Ao se compreender a constituição do sujeito a partir da psicanálise, sabe-se que a separação entre a criança e o Outro⁴⁴ materno causa a perda do objeto de desejo. Perda fundamental para que o desejo possa se dirigir a novos objetos. O distanciamento do Outro materno passa a ser a origem e causa do desejo. O neurótico tenta substituir o desejo pela demanda do Outro, na tentativa de se colocar sempre como objeto da demanda do gozo do Outro. Não é mais ele que deseja, mas o Outro que demanda. A indústria e o marketing, conhecendo esta realidade, transforma este “discurso do Outro” que demanda gozo em diversas formas de propostas e imagens como imperativos. A obediência ao Outro passa a ser a obediência ao consumo via construção de discurso pelo marketing. Esta forma de coerção tem se mostrado muito eficiente, inclusive com melhores resultados que a dominação religiosa da idade média, pois a nova proposta é via sedução e não pela interdição.⁴⁵

O imperativo do gozo que exige constantemente do sujeito a realização de todos os desejos imputados a ele age como uma promessa de que a realização deste gozo seria capaz de fazer sumir a falta do gozo real do Outro materno como primeiro objeto de desejo. O que felizmente não acontece, pois apagaria aquilo que constitui o sujeito enquanto possibilidade de desejar e realizar-se na vida. Mas a existência da promessa que nunca se cumpre faz com que a angústia seja uma constante na vida do sujeito. Angústia como forma de sofrimento que impulsiona o sujeito cada vez mais em direção ao gozo prometido, e que por vezes tem como máxima realização chegar ao efeito anestésico das drogas farmacológicas. Como a promessa de gozo como gozo do Outro é impossível de ser realizada, a promessa que tem sido acolhida coletiva e culturalmente é a de cessar a falta, e ao mesmo tempo acabar com a angústia que seria gerada pela *falta da falta*.⁴⁶

⁴⁴ Em psicanálise o Outro materno é compreendido como a alteridade primordial do bebê. Sendo a mãe responsável pelas primeiras referências simbólicas e traduções das manifestações do bebê. “O Outro primordial, a mãe, faz, nesse sentido, um verdadeiro esforço: toma o peito como dom, cocô como presente, a voz como chamado, o olhar como interpelação. Costura e recobre o que incessantemente aparece como abertura: a insuficiência (normal) de sua criança, a queda incessante dos buracos que no corpo se oferecem e a chamam para serem preenchidos.” JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**: um enfoque transdisciplinar. Trad. Diana Myriam Lichtenstein. 3. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004. p. 27.

⁴⁵ KEHL, 2015, p. 90-92.

⁴⁶ KEHL, 2015, p. 98.

A apropriação das linguagens do inconsciente por parte da indústria para propor a venda de produtos e serviços como formas de realização do gozo não se concretiza, pois ao sujeito não são ofertados os produtos ou serviços em si, mas imagens que traduzem os ideais de gozo do inconsciente. Trata-se de um gozar imaginário. As propagandas tornaram-se frenesis imaginários, com mercadorias estampadas de promessas, nas quais os sujeitos, esvaziados de si, observam atentamente na busca de indicações de quem eles são. O mal-estar da atualidade se dá de forma coletiva porque “o que distingue a sociedade de consumo não é o fato de que todos comprem incessantemente os bens em oferta, acessíveis a poucos, mas que todos estejam de acordo com a ideia de que tanto o sentido da vida social como o valor dos sujeitos sejam dados pelo consumo.”⁴⁷

A empresa do marketing na atualidade injeta grande investimento no setor de sondagem das motivações inconscientes do público consumidor, e o efeito deste investimento e da apropriação social e cultural destes resultados é a percepção de que os desejos outrora recalcados e reprimidos deixaram os porões do inconsciente. Estes desejos agora são conscientes, públicos, aprovados pela cultura hedonista e a realização dos mesmos tornou-se uma obrigação. Os serviços de marketing, tendo conhecimento destes desejos, atualiza constantemente a “face imaginária do Outro” para que as demandas de gozo deste Outro tenham exatamente a cara dos produtos e serviços que serão comercializados. Maria Rita Kehl afirma que “o que o Outro exige do sujeito contemporâneo é sempre que ele goze. Muito. Que essa seja uma das faces contraditórias do imperativo superegoico – goze!/não goze!”⁴⁸

Maria Rita Kehl ao falar sobre as potencialidades do Marketing para a mobilização dos sujeitos a partir do desejo cita a afirmação de Frederic Jameson, de que “o capitalismo colonizou o inconsciente”.⁴⁹ Pois o inconsciente se apropria de imagens que são produzidas e veiculadas de forma livre a todos, e conseqüentemente das ofertas de gozo associadas a estas imagens. Estes desejos emergidos do inconsciente e que encontram o sujeito no Real⁵⁰, sem que tenham representações socialmente aceitas, acabam produzindo uma série de patologias como as dependências químicas, as patologias alimentares, a hipocondria e também

⁴⁷ KEHL, 2015, p. 100.

⁴⁸ KEHL, 2015, p. 94.

⁴⁹ KEHL, 2015, p. 96.

⁵⁰ O Real, em psicanálise, é definido como aquilo que escapa ao simbólico. O Real não pode ser nem falado nem escrito.

os comportamentos de delinquência. Sendo a delinquência cada vez mais banalizada e que na falta de explicação ou solução acaba sendo interpretada como característica de fases da vida, na tentativa de aceitá-la com naturalidade aos adolescentes, por exemplo.

Na sociedade de consumo atual a busca por produzir sujeitos que respondam ao gozo proposto tem a função de esvaziar o sujeito do que lhe é próprio, da sua história, cultura, tradições e de tudo o que lhe for íntimo. Este sujeito precisa estar pronto para corresponder a qualquer estímulo que o convoque a ação, utilizando-se de um significante de gozo no aqui e agora. Pode-se imaginar que uma cultura que funciona a partir do imperativo do prazer produza sujeitos livres de ordenanças e que os livre das opressões do superego. Mas como o imperativo do prazer foi transformado em ordenança do Gozo a partir do Outro, são geradas enormes cargas de culpa, pois aparentemente não há exigências a estes sujeitos e sim a liberdade para que cada um possa disfrutar dos prazeres presentes, de se entregar as fantasias de consumo. Sem poder compreender a própria realidade, o sujeito se culpa por não poder responder ao prazer que lhe é ofertado, ou na realidade lhe é exigido.⁵¹

O agravamento do mal-estar dos depressivos é causado também pela solidão, resultado do desprezo social pela sua tristeza. Se o imperativo da felicidade é o *modus operandi* da atualidade, o depressivo é o doente contagioso que traz consigo a má notícia que todos querem evitar. Quando a depressão é a de um adolescente, o agravamento é ainda maior, pois a adolescência é compreendida como a fase ideal, onde todo desejo habita, e todo gozo é possível, sendo que os limites do superego não estão devidamente inscritos. Como escreve Soler “Uma civilização que valoriza a competitividade e a conquista, mesmo se em última análise esta se limite à conquista do mercado, uma tal civilização não pode amar seus deprimidos, mesmo que ela os produza cada vez mais, a título de doença do discurso capitalista.”⁵²

É importante compreender estes sintomas como sendo sintomas sociais. Um depressivo inserido em uma sociedade Romantista do século XIX estaria devidamente adequado ao seu contexto cultural, artístico e social. Não causaria mal-estar aos não depressivos, e muito menos seria visto como um leproso dos tempos

⁵¹ KEHL, 2015, p. 95.

⁵² COLETTE apud KEHL, 2015, p. 22.

bíblicos, como acontece nos dias atuais. Já a histeria, tão estudada e teorizada por Freud no seu tempo, continua a causar sofrimento nos dias atuais. Porém, passa despercebida, pois está em total conformidade com as condições da sociedade atual. Se for possível interpretar estes sintomas como sintomas sociais, como um desejo recalcado que carrega o mesmo sentido do desejo inconsciente de cada sujeito, não seria o desejo inconsciente dos sujeitos da atualidade a possibilidade de não desejar? Ou de poder desejar apenas os próprios desejos, e no seu próprio tempo?⁵³

O olhar da sociedade contemporânea é sempre um olhar com a marca da crítica compulsiva da realidade, e conseqüentemente uma compulsiva autocrítica. A autocritica avalia somente o desempenho, ou a falta dele. Não procura pelas causas, não busca culpados e não aceita as tão humanas contradições. Não questiona demandas e imperativos, apenas a dificuldade em cumpri-los. Toda derrota pessoal é interpretada como própria culpa, pela fadiga ou preguiça. As “falhas” por não conseguir alcançar o ideal precisam ser identificadas para serem tratadas. Entram em ação aqui os conselheiros de carreira e os *coachings* a serviço da realização das novas expectativas, demandas, imperativos, e principalmente a serviço do mercado. A mensagem para o ego é que desenvolva a autodeterminação, para tentar e tentar novamente. E o mal-estar dos imperativos se consolida. Porque atualmente os imperativos são cada vez mais numerosos, e pesam sobre o indivíduo, e não mais sobre a sociedade como um todo.⁵⁴

2.9 Sedução como estratégia de coerção ao gozo

Uma nova transição apresentada pela sociedade contemporânea é a transição do individualismo limitado ao individualismo total, nomeada por Lipovetsky como a “segunda revolução individualista”.⁵⁵ Esta transição faz parte de um processo de personalização individual onde o que se busca é tão somente a realização emocional de si, a cada momento, e sempre na manutenção de um determinado ritmo de vida. A preocupação com realizações futuras, com a construção de projetos para alcançar tais realizações já não faz parte da realidade.

⁵³ KEHL, 2015, p. 23-24.

⁵⁴ BAUMAN, 2001, p. 52-53.

⁵⁵ LIPOVETSKY, 2009, p. 15.

A busca também é por uma constante juventude e pelas representações sociais que o conceito de juventude possui. Esta segunda revolução individualista é a revolução do narcisismo e da sedução.

A sedução como novo formato de realização e de mercantilização logo apresentou os seus limites, transformando a realidade em falsa representação, promovendo a alienação, assim como o afastamento da percepção das implicações deste formato de vida e consumo. E como consequência dela o fortalecimento da imposição da satisfação e de um novo hedonismo justificado, a partir do qual se pode alcançar a satisfação a que todos são obrigados. A estratégia da sedução utiliza-se da abundância de produtos, imagens e serviços com novas representações luxuriantes, induzidos por um clima eufórico e em caráter de emergência. Nesta nova estratégia a coação é substituída pela escolha livre, os padrões pela pluralidade e a obrigatoriedade pela realização dos novos desejos, criados pela própria sedução.⁵⁶

Na linguagem da sedução o aspecto positivo, feliz, prazeroso e visivelmente agradável é fundamental. Tudo o que difere deste padrão deve ser modificado ou descartado. A vida real que possui também aspectos de sofrimento, loucura, lutos e tristezas é uma vida patologizada. Estes aspectos são agora considerados anomalias que devem ser eliminados, ou reparados. E neste sistema cada sujeito se sente deslocado, não adaptado ou excluído. Carece de um produto ou serviço que pode trazer adaptação ao sistema. A mesma mudança de paradigma tem acontecido na saúde, onde o doente é compreendido como o responsável pela doença que o acomete, pois este é o tempo da autonomia, e cada um torna-se o que deseja e o que pode tornar-se. E as adaptações passam pela linguagem, na tentativa de eliminar cada palavra que possa trazer conotações negativas. E assim não existem mais os velhos, mas sim as pessoas que estão na melhor idade, as empregadas domésticas são substituídas pelas secretárias do lar, os empregados por colaboradores, etc.

Já o narcisismo, como parte desta nova revolução, apresenta-se como estratégia de desenvolvimento do vazio. Diferente dos sintomas apresentados no século XIX nos formatos de obsessões, histerias, e fobias, as perturbações narcísicas como mal-estar da atualidade se apresentam na forma do não sentir,

⁵⁶ LIPOVETSKY, 2009, p. 19-20.

como um sentimento de vazio interior. As perturbações não têm mais um formato específico, mas são difusas e vagas. Impossibilitam sentir a si mesmo e aos outros. As relações também são moldadas de forma narcisista, sem ligações profundas, sem entrega, evitando qualquer tipo de vulnerabilidade e apostando sempre na independência afetiva. O resultado são as relações superficiais e de pequena duração, nunca suprimindo a necessidade humana de relacionar-se. O medo de apaixonar-se ou de ser decepcionado em um relacionamento mantém o distanciamento afetivo como estratégia de prevenção.⁵⁷

Como contribuição a este distanciamento afetivo estão o movimento de libertação sexual, o feminismo e a pornografia. O ciúme e a possessividade são hoje condenados, prega-se o sexo livre, e assim climatiza-se o sexo, retirando dele toda a tensão emocional. Torna-se possível a indiferença e protege-se de qualquer impulso interior que possa surgir. A paixão e a entrega como possibilidades da fragilidade humana diante de um relacionamento estão fora de cena. Lipovetzky, ao tratar das mudanças da sociedade atual com as novas características narcísicas, afirma que vivemos o “fim da cultura sentimental, fim do *happy end*, fim do melodrama e emergência de uma cultura *cool* onde cada um vive no seu bunker de indiferença, ao abrigo das suas paixões e das dos outros.”⁵⁸

O mal-estar da atualidade retratado até aqui nos seus mais diversos formatos, a partir dos imperativos de prazer e felicidade, na solidão e distanciamento afetivo, na obrigatoriedade de escolher o tempo todo e estar em contínuo movimento, na responsabilização da própria condição e saúde em que cada um se encontra, entre outras formas de sofrimento, não chega a ser percebido por muitos, pois a sociedade atual é a sociedade do humor. Como paradoxo a esta sociedade com tantos formatos de sofrimento humano está o inédito desenvolvimento da linguagem humorística. Seja nos relacionamentos e especialmente nas campanhas publicitárias a utilização e o desenvolvimento do humor estão em alta. Porém, o cômico nos dias de hoje não está em alta no formato de festas, diversões e carnavais, mas sim como um imperativo generalizado da nova atmosfera *cool*.⁵⁹

O humor da atualidade como ferramenta social e de marketing atua na produção de uma atmosfera eufórica, de bom humor e felicidade sem restrições. E é

⁵⁷ LIPOVETSKY, 2009, p. 72-74.

⁵⁸ LIPOVETSKY, 2009, p. 72.

⁵⁹ LIPOVETSKY, 2009, p. 131-132.

um paradoxo que nesta mesma sociedade humorística o riso está sendo liquidado. Nos dias de hoje as explosões de riso são contidas, o riso louco e sem motivo é censurado, as algazarras de classe não são mais tão presentes, e os palhaços perderam o encanto. Assim como o hedonismo culminou no enfraquecimento do desejo a cultura da hilaridade tem atrofiado o riso natural. O ser humano da sociedade contemporânea, ensimesmado e recolhido em si mesmo, é cada vez mais incapaz de entregar-se ao riso espontâneo, de cair na gargalhada, de sair de si, e de entregar-se ao que realmente representa a jovialidade. Lipovetzky observou que “a medida que a poluição sonora conquista a cidade, o riso extingue-se, o silêncio invade o espaço humano, só as crianças parecem escapar, por um tempo ainda, a esta espantosa discrição.”⁶⁰

2.10 A contemporaneidade e a libertação dos referenciais

Bauman aponta que outra característica da sociedade contemporânea é deixar para trás o papel do “líder”. O líder ocupava no mundo o objetivo de construir uma boa sociedade, ou sociedade apropriada. Objetivos estes que foram abandonados pela sociedade contemporânea. Para ocupar o papel dos líderes vieram os “conselheiros”. Os líderes demandavam disciplina, ordem e mediavam os interesses individuais e o “bem de todos”. Utilizavam com frequência o pronome “nós”. Os conselheiros não fazem cobranças, não exigem ordem, e também não se ocupam do bem comum. Os conselhos dos conselheiros estão relacionados ao bem individual, potencializando o que cada um pode fazer para si. Ao conselheiro cabe a função de organizar as demandas e imperativos, reafirmá-los, e junto ao sujeito traçar metas para conseguir cumpri-los. Os conselhos são ainda melhores quando os conselheiros apresentam exemplos de homens e mulheres que conseguiram cumprir seus imperativos e livrar-se de dificuldades e problemas, e isso sempre por conta própria.⁶¹

Consequentemente, os que se mantêm na pobreza são responsáveis pela sua condição social, ou porque faltou vontade para o trabalho, ou esforço de alguma natureza. Os que adoecem, da mesma forma, são responsáveis pela falta de cuidados com a saúde ou alimentação, ou porque não levaram a sério algum

⁶⁰ LIPOVETSKY, 2009, p. 136.

⁶¹ BAUMAN, 2001, p. 83-86.

tratamento de saúde. Neste contexto o sujeito trabalhador para se adequar precisa, ele mesmo, tornar-se uma “instituição”. Com seu próprio plano de carreira, desenvolvendo-se sempre a partir de novos saberes e formações, explorando e conhecendo tudo sobre o mercado de trabalho a que pertence. Não pode se dar ao luxo de “ficar desatualizado”. Ou será substituído e responsabilizado e pela sua demissão. Ao que ele mesmo aceitará com toda a culpa e autocrítica de quem conhece as regras e acredita fielmente que estejam corretas.

Nestes moldes a sociedade contemporânea se assemelha a uma contínua dança das cadeiras. Onde não existe uma promessa de realização, uma forma de vencer o jogo, e nem mesmo a possibilidade de descanso, onde se poderia relaxar e despreocupar-se. Como não existe uma “reacomodação” definitiva, todos permanecem cronicamente em movimento. Como sintetizou Lewis Carrol⁶², quase num tom profético: “Agora, aqui, veja, é preciso correr o máximo que você puder para permanecer no mesmo lugar. Se quiser ir a algum outro lugar, deve correr pelo menos duas vezes mais depressa do que isso!”

A tão promovida liberdade a partir do processo de individualização não é uma escolha. Aquele que se recusa a incorporar a lógica da individualização está “fora do jogo”. E aos que participam dela vivenciam a frustrante sensação de impotência, por não conseguir alcançar tudo aquilo que a liberdade prometeu que seria possível, e que se transformou em obrigação. Esperava-se que a conquista da liberdade trouxesse consigo o poder individual, o que não aconteceu. Prevalece então o clima da competição, onde o outro não é meu igual, e sim um concorrente. E a única vantagem da companhia de outras pessoas passa a ser a percepção de que também são sofredores, e que enfrentam os mesmos problemas diariamente e solitariamente. Produzindo assim o conformismo para continuar a fazer o mesmo.⁶³

2.11 Sínteses

Como visto na exposição acima a sociedade contemporânea possui diversas novas características que passam pela desconstrução de crenças e universais e pela superação de preceitos éticos. Os papéis sociais foram modificados, e em nome da realização dos desejos pessoais o Outro limitador deve ser superado. Com

⁶² BAUMAN, 2001, p. 70.

⁶³ BAUMAN, 2001, p. 49.

a libertação da economia, impulsionada também pela cultura hedonista, o sofrimento é patologizado e os sentimentos são lucrativamente medicalizados. O ser humano da atualidade vive então exposto a esta nova realidade, que impõe a ele imperativos de felicidade a serem obedecidos. Uma felicidade que lhe é prometida, mas que deve ser alcançada por ele, sendo-lhe proposta em forma de produtos, serviços e tudo o que puder ser comercializado utilizando-se da felicidade como símbolo. Gerando assim um novo formato de mal-estar.

Por vezes as promessas de felicidade passam por condições, posses, bens, e classes. E estas sempre se colocam de forma temporária e transitória. Bauman afirma que “são os grandes e poderosos que evitam o durável e desejam o transitório, enquanto os da base da pirâmide – contra todas as chances – lutam desesperadamente para fazer suas frágeis, mesquinhas e transitórias posses durarem mais tempo”.⁶⁴ Nesta busca incessante para cumprir as demandas externas de consumo e realização como promessa de alcançar a felicidade, a vida em si é deixada de lado, desvalorizada, e não existe tempo ou mesmo intenção de uma reflexão pessoal a respeito dela. A cultura como produção vital e tudo que lhe diz respeito perde o seu valor. Esta desvalorização da vida e de sua produção a partir da cultura ocorre também em nome da ciência moderna, o que será tratado adiante.

⁶⁴ BAUMAN, 200, p. 23.

3 O MAL-ESTAR DA ATUALIDADE E O ESQUECIMENTO DA VIDA

*“Dor não tem nada a ver com amargura.
Acho que tudo que acontece é feito pra gente aprender cada
vez mais, é pra ensinar a gente a viver. Desdobrável.
Cada dia mais rica de humanidade.”*

Adélia Prado

O imperativo do prazer é compreendido como uma das fontes do mal-estar da atualidade, conforme visto no capítulo anterior. Este imperativo pesa sobre o ser humano contemporâneo, sendo este responsabilizado pelas próprias conquistas. Conquistas estas previamente e externamente definidas. Resta ao ser humano o movimento constante, realocando os próprios esforços em nome de uma felicidade obrigatória, prometida e nunca alcançada. Todo este movimento é embalado pelo discurso de emancipação, de desconstrução de universais, e de libertação dos limites pessoais e também dos limites impostos pelo Outro. Foi visto também que o mercado e o marketing da atualidade “pegam embalo” neste novo contexto e utilizam-se deste discurso para relacionar esta felicidade obrigatória aos seus produtos e serviços para assim vendê-los. Se a felicidade é o ideal a ser alcançado, o sofrimento é o mal a ser evitado. Se dá assim a patologização da tristeza e a possibilidade mercadológica de medicalizar os sofrimentos. Utilizando-se para esta finalidade novamente o marketing, e especialmente o conhecimento científico.

Alguns autores apontam para questões preocupantes avaliando os desdobramentos destes aspectos da sociedade contemporânea. Michel Henry é um destes autores que, a partir da sua Fenomenologia da Vida, explicita os riscos embutidos na objetificação do positivismo e nas chamadas luzes da modernidade. O próximo capítulo abordará as consequências destas novas formulações da sociedade e seus imperativos para o ser humano da atualidade. Propondo que o advento da ciência moderna é também a morte da cultura. Sendo a sociedade contemporânea o momento em que o saber e a cultura, pela primeira vez na história, divergem. Nesta sociedade o saber científico é considerado o saber verdadeiro, que exclui a cultura como produção da humanidade, ou da vida conforme proposto por Henry. A Fenomenologia da Vida também será abordada a partir de sua

compreensão de ser humano como filho da vida. Que vive esta vida experimentando todos os seus aspectos, como alegrias e tristezas, diferentemente da cultura hedonista que patologiza o sofrimento.

3.1 A barbárie como extinção da subjetividade e da cultura

A sociedade contemporânea também apresenta uma forte mudança cultural, que na verdade é a morte da cultura em nome da ciência. Michel Henry propõe o termo *barbárie* como a desconstrução de algo que já existe, neste caso, da cultura. Barbárie nunca é início de algo, mas sim a segunda situação em relação a primeira. É a desconstrução ou morte, ainda que em processo. “Para Henry o maior aspecto da Barbárie na ciência seria a técnica, pois esta busca através do empirismo e do positivismo consolidar tudo a partir de uma experiência exterior. O homem passou a utilizar a técnica para alcançar certezas por meio do método em todos os aspectos da vida, deixando a subjetividade, o próprio saber da vida para trás.”⁶⁵ Henry fala sobre o movimento de desconstrução como resultado do método científico de Galileu, que propôs a leitura científica do mundo excluindo-se dela tudo o que for subjetivo. “Galileu declarou que o conhecimento no qual o homem confia desde sempre é falso e ilusório. Esse conhecimento é o conhecimento sensível responsável por nos fazer acreditar que as coisas são dotadas de cores, odores, sabores, que são sonoras, agradáveis ou desagradáveis – em suma, que o mundo é um mundo sensível.”⁶⁶

A ciência moderna tem se desenvolvido a passos largos, e na mesma velocidade acontece o desmoronamento da cultura. As expressões da cultura, sendo elas religiosas, artesanais, artísticas, éticas, entre outras, durante toda a história da humanidade sofreram mudanças, sempre em conjunto, apoiando-se umas nas outras. E pela primeira vez a cultura e o saber divergem, e o saber intitulado científico exclui e desconstrói a cultura. Henry não recusa a ciência e suas conquistas. Mas observa a realidade do conhecimento matemático cartesiano que toma o lugar de todos os conhecimentos e os ignora. E assim faz o prognóstico de que a ciência como única forma válida de conhecimento, que anula a ética, a arte e

⁶⁵ MARTINS, Érica da Silva; SILVA, Matheus Mariano da. A Barbárie em Michel Henry. **Anais...** XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesiástica (Eclesiocom), Engenheiro Coelho, São Paulo, 2016. p. 2.

⁶⁶ HENRY, Michel. **A Barbárie**. São Paulo: Realizações Editora, 2012. p. 13.

a religião como saberes genuínos, acabará com todas as produções culturais construídas como forma de existir da condição humana. Esta ciência que não leva em conta a cultura, não está mais a serviço da humanidade e de seus anseios. Ela não trabalha em prol do ser humano no que diz respeito ao seu ser integral, que também é subjetivo. Tendo possibilidades de auxiliar o ser humano em suas angústias não o faz, e assim aumenta o mal-estar da atualidade. Ciência que não está a serviço da humanidade está a serviço apenas de quem pode pagar pela sua produção. Paga-se por serviços que visam interesses pessoais, de produção, marketing e outros formatos. Não se paga por uma produção científica que beneficia a sociedade ou a humanidade.⁶⁷

Sempre fazendo questão de reivindicar para si o título de “ciência”, a partir de diversos conhecimentos que lhe são cabidos, utiliza-se de rigorosidade e objetividade, colocando em cheque todas as formas de conhecimento que considera duvidosas, e que não carregam o título de verdadeiras e incontestáveis. A transformação cultural que ocorre a partir da ciência moderna é também a transformação do humano, infelizmente. Ao tratar das modificações de compreensão da realidade pela ciência galilaica, Wondracek afirma que sua abrangência não é somente “do universo das coisas, mas também do que toca ao ser humano: seu corpo passa a ser apreendido geometricamente.”⁶⁸ E cita Henry para mostrar que esse deslizamento abre uma nova era “fundada numa concepção inédita do corpo humano e, por consequência, do próprio homem. Assim nasce a pretensão, por parte da ciência geométrica da natureza material, de constituir, doravante, o verdadeiro saber do homem”.⁶⁹ Transformação que atinge a vida, a forma de compreender a realidade e a si mesmo, os valores e a ética, assim como o sagrado e conseqüentemente a possibilidade de viver o cotidiano. Alertando para tais riscos Henry afirma que “o hiperdesenvolvimento de um hipersaber, cujos meios teóricos e práticos assinalam uma ruptura completa com os conhecimentos tradicionais da humanidade, tem por efeito derrubar esses conhecimentos dados como outras tantas formas de ilusões, como de levar a própria humanidade à derrocada.”⁷⁰

⁶⁷ HENRY, 2012, p. 8-12.

⁶⁸ WONDRAČEK, Karin H. K. **Ser nascido na Vida**: a contribuição da fenomenologia da Vida de Michel Henry para a clínica. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2010. p. 53

⁶⁹ WONDRAČEK, 2010, p. 53.

⁷⁰ HENRY, 2012, p. 23.

Para Henry a cultura é algo que está em toda parte, e que é criada pela vida⁷¹ e para a vida. A vida é compreendida por ele como o valor supremo, sendo a origem de todos os demais valores. Assim a sociedade se dá como uma comunidade de seres vivos, unidos pela vida, nas suas diversas expressões de sofrimento, gozo, percepções, artes, angústias, etc. Mas na barbárie moderna todas estas expressões culturais e de saberes da vida perdem a voz, e são substituídos por conhecimentos anônimos estudados pela Física. Aqui a morte substitui a vida, tendo o principal sinal desta transição o surgimento da técnica da geração de lucro. Utiliza-se do humano para alcançar o seu objetivo. A ponto de não diferenciá-lo das coisas. A ciência moderna é também a ciência a serviço do mercado, a despeito da sua inicial vocação de servir ao humano.⁷²

Um saber científico que não leva em conta o ser humano em sua subjetividade e com suas expressões de existência, produzidas pela vida e para a vida, não pode ser considerado cultura, e também não conseguirá subsistir com ela. A vida tratada aqui não se pode estudar pelo método científico. Não é a mesma estudada pela biologia com os seus laboratórios equipados com microscópios. A vida não está presente nos laboratórios.⁷³ Na verdade, ela está presente, mas não é reconhecida. A vida está do lado do outro lado do microscópio, do lado que observa! Como bem versou Manoel de Barros em seu poema: “*A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá. Mas não pode medir seus encantos.*”⁷⁴ A ciência moderna exclui a vida, pois a vida não se coloca como um objeto do saber científico, possível de ser apreendido como um saber de posse de quem o estudar. Ou conforme a síntese de Henry, “a vida se sente e se experimenta a si mesma, de modo que não há nada nela que ela não experimente e não sinta [...]. Desse modo, tudo o que traz em si essa propriedade maravilhosa de se sentir é vivo, ao passo que tudo o que se acha desprovido dela não é senão morte.”⁷⁵

⁷¹ Henry, em sua Fenomenologia da Vida faz “distinção entre o emprego de *Vida* e *vida*, sendo o primeiro emprego o que se refere a seu conceito de ‘Vida absoluta – a vida originária, doadora de todas as formas de vida’. O segundo emprego da palavra vida é uma referência ‘à vida criada ou gerada, a vida humana está neste caso.” PÖLKING, Maria Paulina Hummes. **O que podem os corpos unidos frente ao que um câncer gera?: reflexões sobre um grupo de apoio de mulheres com diagnóstico de câncer de mama a partir da fenomenologia da vida de Michel Henry.** 2015. 91 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2015. p. 31.

⁷² HENRY, 2012, p. 17-18.

⁷³ HENRY, 2015, p. 24.

⁷⁴ BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada.** Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 9.

⁷⁵ HENRY, 2012, p. 27.

3.2 Mal-estar da atualidade como exclusão da vida

É na esfera da subjetividade, rejeitada pela ciência, que está a vida humana, com suas sensações, opiniões, espiritualidades, percepções, pensamentos pessoais não lineares, que não possuem representações equivalentes, em termos de estudo, nem mesmo pelas ciências humanas. Para Henry a “subjetividade é inteiramente necessidade. As necessidades superiores, que resultam da própria natureza da necessidade, suscitam as elaboradas formas de cultura, que são a arte, a ética e a religião.”⁷⁶ O ser humano é o ser da consciência, situada pela filosofia clássica como algo central da ciência. A consciência é o “sujeito em si”, e que torna as coisas externas objetos para o sujeito, podendo então tomar conhecimento delas. A consciência não é objeto, e não é possível inseri-la em tubos de ensaio ou na ponta dos microscópios para ser estudada. Como exigiam os fundadores do behaviorismo para que a consciência fosse mostrada a eles, para então aceitarem sua existência. Em resposta afirma Henry: “Eles não percebem que a consciência é justamente essa faculdade de ‘mostrar’ à qual eles, as demais ciências e toda forma de conhecimento em geral recorrem constantemente.”⁷⁷

A ciência explica o mundo observado a partir de suas construções teóricas. A terra e seus elementos químicos. A Terra enquanto planeta girando em torno do Sol. Mas é preciso também observar esta realidade enquanto solo de experiência vivida, em sua subjetividade. Como a louca sentença de Husserl citada por Henry: “A Arquioriginária Terra não se move”.⁷⁸ A vida se dá na experiência sensível desta Terra enquanto mundo sensível.⁷⁹ Na experiência diária da vida ao se contemplar cada objeto, o conhecimento a respeito deste objeto está incluído. Este conhecimento/saber da visão relacionado ao objeto é o seu próprio *pathos*.⁸⁰ Por

⁷⁶ HENRY, 2012, p. 46.

⁷⁷ HENRY, 2012, p. 31.

⁷⁸ HENRY, 2012, p. 29.

⁷⁹ A filosofia de Platão se ocupou, entre outros temas, das formulações de ideias sobre mundo. Platão afirmou haver dois mundos diferentes e separados: 1) o mundo sensível, dos fenômenos e acessível aos sentidos; e 2) o mundo das ideias gerais (inteligível), “das essências imutáveis, que o homem atinge pela contemplação e pela depuração dos enganos dos sentidos”. Conceitos extraídos do artigo de GOBIS, Rafael Augusto. **Platão e a distinção entre o Mundo Sensível e o Mundo das Ideias**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/platao-e-a-distincao-entre-o-mundo-sensivel-e-o-mundo-das-ideias/6969/>>. Acesso em: 02 maio. 2018.

⁸⁰ Para a Fenomenologia da Vida de Michel Henry, *Pathos* é modo como a vida se abraça, na autoafecção, na unidade indivisível e substancial da matéria fenomenológica de alegria e dor. Estrutura fundamental da afetividade, ou seja, da essência da manifestação. “O sentimento não pode nunca ser sentido” (Monique Schneider). “O sentimento é *pathos* e as tonalidades do *pathos*,

este motivo a visão relacionada ao objeto não é uma simples visão. Ela é constantemente autoafetada, e por isso, conseqüentemente, uma sensibilidade. Este olhar para o mundo é um olhar sensível para um mundo sensível, e não um mundo das ideias. Um mundo que existe na vida e para a vida, ou conforme Henry, um “mundo-da-vida”.⁸¹

Para Michel Henry o “assunto” da vida é a cultura. A partir da ciência moderna, com a exclusão dos demais saberes, e especialmente com a transformação surgida pela negação da subjetividade como forma de conhecimento válido, a cultura está sendo ameaçada. O ser humano é ser de vida, e na vida. É ser que pela vida produz e tem por necessidade a cultura. Henry afirma que “a ciência só pode abstrair da sensibilidade porque abstrai, inicialmente, da vida; é esta que ela rejeita [...] e ao fazê-lo acaba ignorando-a totalmente.”⁸²

Focando o tema central: O mal-estar da atualidade está, em grande parte, relacionado à retirada da percepção sensível da vida do ser humano enquanto algo essencial. Este retirar da essência da vida é consequência do seu não reconhecimento como um saber real. Ao considerar o ser humano apenas como corpo compreendido geometricamente, como um conjunto de órgãos, e com reações neuroquímicas que provocam alegrias e tristezas, vive-se um reducionismo. Neste reducionismo o ser humano deixa de ser sujeito de si, e sujeito na vida, com suas autoafecções em sua afetividade transcendental, e passa a ser objeto. Ele não mais é diferenciado de outros objetos.

Henry considera esta nova condição que está na origem da sociedade contemporânea, onde a racionalidade científica decide sobre a vida sem levá-la em conta, como o primeiro momento da história onde a vida não dita as próprias leis.⁸³ Excluindo-se a vida na compreensão do ser humano, este facilmente passa a ser considerado um objeto como outros, tornando-se objeto de consumo e produção. Vale lembrar, retomando o capítulo anterior, que a ciência está a serviço de quem pode pagar por ela. Conseqüentemente a serviço do mercado. Esta nova forma de interpretar a realidade, sem subjetividade, promovida pela ciência, é valorosa para o mercado. Sem uma reflexão sensível sobre o mundo e a própria vida, o sujeito

as passagens do sofrimento à fruição, só no pathos são possíveis. Este parece-me ser o grande contributo de Michel para a compreensão de nós mesmos, do nosso sofrimento e da sua conversão em fruição da Vida.” WONDRAČEK, 2010, p. 5.

⁸¹ HENRY, 2012, p. 42.

⁸² HENRY, 2012, p. 71.

⁸³ HENRY, 2012, p. 75-76.

apenas pode refletir sobre o que poderia se tornar. Ou sobre o quê poderia complementá-lo ou lhe trazer um pouco de realização. Libertando-o para o discurso do consumo e dos imperativos de prazer e gozo a partir deste. Henry assegura ainda que a face do mundo mudou “quando a produção se tornou econômica, em lugar dos bens úteis à vida e por ela designados.”⁸⁴

Esta revolução econômica subverteu a relação do ser humano com os pares e a sociedade como um todo, utilizando-se das mídias para propagar esta nova compreensão da espécie. E para continuar alcançando as novas metas das taxas de lucro o mercado aperfeiçoa os meios de produção, e aumenta a sua velocidade. E para isso utiliza-se das descobertas da ciência, mas também as suscita. Quando o comércio, o progresso e os meios de produção possuem como objetivo a utilidade para a vida, o saber empregado também é o saber da vida, e suas práticas coincidem com tal saber. Como o saber empregado é o da ciência, e o objetivo é a utilidade e lucro para o mercado, a *autorrealização* e o *autocrescimento* da vida não são priorizados, correndo grande risco. Sendo o ser humano um ser na vida, nesta lógica da sociedade contemporânea, ele mesmo também é deixado de lado. Com o agravante de não perceber estar sendo deixado de lado. Pois a ciência, a produção e as possibilidades de realizar-se a partir do consumo estão em alta. No discurso da atualidade nada mais importa. Não se percebe sendo deixado de lado como ser na vida, mas o seu mal-estar aumenta, e se mostra nos mais diversos sintomas pessoais e sociais. Nas palavras de Henry: “Uma vida que se nega a si mesma, a autonegação da vida, este é o acontecimento crucial que determina a cultura moderna como cultura científica.”⁸⁵ E como visto, abre-se a porta à barbárie.

3.3 A vida como doação

Se a primeira seção investigou a transformação da vida em barbárie, agora é importante centralizar na compreensão do que seja esta vida em sua doação originária, conforme sistematizada pela Fenomenologia da Vida.

A vida é aquilo que confere valor para as coisas, pois as coisas em si não possuem valor algum. Esta avaliação de valores, onde a vida confere valor às

⁸⁴ HENRY, 2012, p. 83.

⁸⁵ HENRY, 2012, p. 105.

coisas, só é possível quando a vida experimenta a si mesma, em sua autoafecção.⁸⁶ O valor está lá onde existe a cultura, a ética gerada pela vida, e a vida em si. Da mesma maneira é o ser humano, que encontra o seu ser e o seu valor, sente-se preenchido, e com sentido no viver, nas alegrias e sofrimento, no saber-se pertencente à vida. A valorização da vida remete também ao teólogo e médico Albert Schweitzer, que mesmo sem utilizar-se de uma interpretação fenomenológica da vida constrói a partir dela o seu maior princípio ético e religioso: “reverência pela vida. Tudo o que é vivo deseja viver. Tudo o que é vivo tem o direito de viver.”⁸⁷

O comum ao ser humano quando se refere a si mesmo é utilizar o pronome pessoal *eu* (*eu próprio*). Este “*eu*” possui uma característica de individualidade, de separação do que lhe é externo, e de um “*eu*” como autoprodução, como uma construção pessoal de si. Esta referência acontece de forma tão trivial que impossibilitaria uma resposta sobre quem seria este *eu*. Nem mesmo a filosofia teria respostas ao que concerne ao *eu* e a problemática relacionada. Porque humano nenhum tem o saber a respeito deste *eu*, e do que faz humano o seu ser. De acordo com Henry, “este saber só a Vida o possui”.⁸⁸ As ciências positivas com os seus progressos, assim como os elaborados conceitos filosóficos e suas rupturas epistemológicas não revelam ao ser humano o que faz dele um eu, e o afastam mais ainda de ter qualquer ideia a respeito de si mesmo.⁸⁹

A partir da Fenomenologia da Vida de Michel Henry este *eu*, quando proferido, não é proferido pelo eu mesmo, mas pelo Si, sendo este singular e gerado na Ipseidade original da Vida. Este “Si” é compreendido como o “Eu” na voz passiva, dado na vida, antes do ego. “O Si surge como resultado dessa autoafecção, na vida e por sua autoafecção, nasce cada vez nesta experiência de si que é um vivente que só por isso é tal nela, arrojado em si por ela e só na medida em que, arrojando-se em si mesma, a vida o arroja nele.”⁹⁰ O “eu” anunciado como Eu Posso, como poder de ser e fazer a partir de si mesmo, torna artificial e não natural esta referência a si,

⁸⁶ A Fenomenologia da Vida de Michel Henry compreende Autoafecção como a presença radical a si mesmo, imanência absoluta, sem intermediações. A característica da vida vir a si na forma de vida. Essa possibilidade é a experiência de si mais íntima possível, a que Henry denomina de Vida. Henry propõe o conceito de autoafecção imanente – na qual o Si não é origem de sua afecção, em contraposição à autoafecção *ekstática* (Kant – Heidegger = ser é origem de sua própria afecção). WONDRACEK, 2010, p. 1.

⁸⁷ ALVES, Rubem. **O Médico**. Campinas: Papirus, 2002. p. 27-28.

⁸⁸ HENRY, Michel. **Eu sou a verdade**: por uma filosofia do cristianismo. São Paulo: Editora Realizações, 2015. p. 192.

⁸⁹ HENRY, 2015, p. 193.

⁹⁰ WONDRACEK, 2010, p. 6.

tendo implicação tão imediata, que se produz antes de a fala ser formulada. Como afirma Gély: “O si que eu sou é então originariamente dado a si num padecer da vida que adere a si, que consente interiormente em si, que se ama.”⁹¹

O Si é a forma da vida se doar ao ser humano, que a recebe de forma completamente passiva, não podendo fugir deste Si. Nas palavras de Wondracek: “A vida se dá como um Si. Esse é um modo da impotência absoluta, de passibilidade radical. No início, sou puramente receptividade da vida.”⁹² O Si superpõe à condição de Filho, condição fundamental para que haja o “eu” e seus poderes. Este poder é resultado da vida dada a si pateticamente. São poderes imanentes, do corpo, como tocar, enxergar, mover-se, e não poderes transcendentais, como gerar a própria vida. Como afirma Henry: “Poder-tocar significa encontrar-se em posse de tal poder, ser previamente posto nele, coincidir com ele, identificar-se com ele e, desse modo e apenas desse modo, poder o que ele pode.”⁹³

Ao se experimentar a si mesmo na Ipseidade da Vida, encontra-se a posse de si mesmo, tendo a possibilidade do contato e condições do exercício dos poderes que o atravessam. São poderes do corpo, como mover-se, pegar, operar os membros, etc. E também poderes do espírito, como formar ideias, o querer, entre outros. O Eu, experimentado no exercício dos poderes do corpo e espírito, é sempre um “EU posso”.⁹⁴ Os poderes do corpo e espírito disponíveis ao Eu, e que podem ser exercidos livremente, não devem dar o entendimento de que este Eu é poder apenas. Existe também aquilo que ao Eu não é dado, ou seja, nenhum poder, e do qual este não tem nenhuma participação. Este não poder tem ainda maior importância do que lhe está disponível como poder. O não poder é a impotência do Eu diante do fato de que só há o poder se lhe é dado como Si. E não apenas o poder, mas o “Eu só é dado a ele mesmo na medida em que é um eu transcendental”⁹⁵ vivente dado a ele mesmo na autodoação da Vida absoluta. A

⁹¹ GÉLY, Raphaël. **Sofrimento e atenção social à vida** – elementos para uma fenomenologia radical do cuidado. Trad. Florinda Martins. [s.n.]: [s.l.], 2009. p. 4.

⁹² WONDRAČEK, 2010, p. 102.

⁹³ HENRY, Michel. **Encarnação**. São Paulo: Realizações Editora, 2014. p. 201.

⁹⁴ HENRY, 2015, p.195.

⁹⁵ Michel Henry, em sua Fenomenologia da Vida, compreende o nascimento do ser humano como um nascimento na Vida Absoluta, e para representar esta compreensão utiliza-se do termo *transcendental*. Henry afirma que a condição do nascimento acontece na condição de Filhos, pensados transcendentalmente e saídos de um nascimento transcendental. Utilizando-se do Cristianismo, compreende Jesus Cristo como o Primeiro Vivente. Cristo é aquele que em seu nascimento transcendental dá origem aos demais viventes. O ser humano a partir do seu

autodação da Vida é sua Ipseidade original na efetividade fenomenológica do Si singular do Primeiro Vivente”.⁹⁶

Aqui é preciso buscar na apreciação que Henry faz do cristianismo as respostas a estas questões: Henry chamou de “teoria cristã do ego”⁹⁷ a compreensão de que nosso poder emana da Vida absoluta, e aponta para o Cristo como a Ipseidade original da autodação da vida. “[...] Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15.5). É na Ipseidade original da Vida absoluta que está a fonte de todo poder. Cristo é o único que tem em si o poder de gerar vida. Sendo assim, o ego em sua ipseidade pertence à Vida. Não é deste mundo, e *a priori* não deve ser compreendido como ente do mundo e submetido às suas leis. Sendo pertencente e gerado pela Vida pode ser um ego, e como ego é livre. E nesta liberdade pode exercer cada um dos poderes que lhe são dados.⁹⁸

3.4 O ser humano entregue às próprias realizações

Para compreender o esquecimento desta vida doada a partir da ótica da sociedade contemporânea, convém investigar o que aconteceu à relação entre Ego e Si.

Como fruto da ciência moderna, a retirada da percepção sensível da vida, no reducionismo de perceber o ser humano apenas como um corpo capaz de domínio e aprendizado a seu respeito pelas ciências biológicas, o restringe a um mero produto. A sociedade contemporânea apresenta este olhar que *coisifica* o ser humano. E sem um saber de si mesmo, espera que outros lhe digam quem ele é, e o que deve fazer. Entregue aos imperativos externos, sendo o imperativo da felicidade o mais

nascimento transcendental não é compreendido como um filho do mudo, mas sim como um Filho da Vida. “O homem é arrancado à natureza para ser devolvido à Vida”. HENRY, 2015, p. 44.

⁹⁶ HENRY, 2015, p. 196.

⁹⁷ Para a Fenomenologia da Vida o nascimento do eu transcendental na Ipseidade da Vida Absoluta produz a importante mudança onde o *Eu* gerado torna-se um *Ego*. Fruindo-se na Ipseidade da Vida, o Eu toma posse destes poderes, para assim poder exercê-los, já como um Ego. É-lhe conferida uma nova capacidade, não menos insólita do que a primeira, visto ser uma consequência. É a capacidade do Eu tomar posse de si, de se unificar com tudo o que o eu acarreta consigo e que lhe pertence como múltiplos componentes do seu ser real, tornando-se um Ego (HENRY, 2015, p. 85-86). Ego é o ser em posse dos poderes que lhe são dados. “O Ego ao falar da Vida ele fala de si, tratando-se da sua relação com a Vida doada. Ele está em posse dos poderes recebidos, mas consciente da sua passibilidade.” ANTÚNEZ, Andrés E. A.; WONDRACEK Karin H. K. Fenomenologia em Michel Henry: Implicações na Psicopatologia e Psicoterapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XVIII, n. 1, p. 3-12, jan-jun, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a02.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁹⁸ HENRY, 2015, p. 199.

expressivo e gerador de mal-estar, busca realizá-lo dedicando todos os seus esforços. Isso faz com que ele se esqueça de sua condição de filho da Vida e acaba por esquecer da sua irmandade com os outros seres humanos. Fazendo uma aproximação com o pensamento de Lutero, o ser humano se torna *Incurvatus in se* (Lutero)⁹⁹: Encurvado para dentro de si mesmo. Num estado de ensimesmamento, preso numa visão umbilical e debruçando-se sobre si mesmo. A falsificação de fonte da vida é uma falsificação de si mesmo. Desenvolvendo preocupações diversas consigo e com as próprias realizações.

Henry aponta para um risco, que nos interessa na compreensão da contemporaneidade: Experimentando e exercitando cada um dos seus poderes, e em sua liberdade, o ego esquece a doação recebida e acaba por compreender-se como fonte destes poderes. Imagina-se como portador destes poderes, e que ele os possui no sentido radical, como se os tivesse produzido e os produzirá sempre que os exercer. Ilude-se conseqüentemente considerando-se a fonte e origem de si mesmo. A geração da vida como doação é tão completa e perfeita que se esquece dela. Neste esquecimento o sujeito acaba por fantasiar que é seu autor e que tem poder sobre a vida. “Assim nasce a ilusão transcendental do ego, ilusão pela qual o ego se toma pelo fundamento do seu ser”.¹⁰⁰

Para Henry a ilusão transcendental do ego nasce quando o ego passa a se considerar como fundante de seu próprio ser. Sendo o Si que ele é como seu próprio feito, provendo dele e remetendo a ele. Nesta ilusão o ego vive do querer e poder, atribuindo estas habilidades a seu próprio poder. Não compreende que as têm porque lhe foram dadas. Henry fala a respeito de um “eu posso” original e único, sem o qual nenhum dos poderes existiria. Tendo recebido todos os poderes a partir deste “eu posso” *original*, todos os poderes que o ser humano possui trazem em si o estigma de uma impotência radical. Henry exemplifica este conceito utilizando-se dos textos bíblicos da crucificação, onde Pilatos pergunta a Jesus: (Não sabes que eu tenho poder para te libertar e poder para te crucificar?) Ao que Cristo responde: (Não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado do alto.) A resposta é

⁹⁹ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. Interpretação Bíblica. São Leopoldo: Editora Sinodal. 2003. Vol 8, p. 287.

¹⁰⁰ HENRY, 2015, p. 200.

radical, e demonstra que nenhum poder existe se não é dado, independente de pessoa, cargo, ou posição social.¹⁰¹

A ilusão transcendental do ego é consequência do esquecimento da condição de Filho. Filho este que recebe da Vida absoluta, em sua Ipseidade, as capacidades e poderes dos quais desfruta. Henry chama de falsificação este considerar o ego e todos os seus poderes como obra do próprio ego. “Na ilusão transcendental, o ego vive o hiperpoder da Vida – a autogeração enquanto autodoação – como seu próprio, transforma o segundo no primeiro.”¹⁰²

Ligando com o tema central: Diante dos imperativos de felicidade, a ilusão transcendental do ego dá ao vivente a certeza de poder alcançar, a partir dos poderes que atribui a si mesmo, tudo aquilo que lhe trará realização e felicidade. E assim segue buscando suas realizações, mesmo que sem sucesso. Pois não percebe que é no lembrar-se da doação de sua vida na Vida absoluta que está a verdade sobre si mesmo. Verdade esta que desbanca toda a busca de realização fantasiosa, ou por imposição social.

Mas esta ilusão comporta um momento de “verdade”, ao se levar em conta que o ego recebe-se, como dom doado completamente pela Vida, a ele mesmo. O ego dado a si possui a si mesmo, e seus poderes, assim como a condição de exercê-los, de forma livre. A Vida absoluta é a autodoadora ao ego dele mesmo e de seus poderes e capacidades para utilizá-los. “É unicamente porque, invisível por natureza, radicalmente imanente e não se ex-pondo jamais no ‘lá fora’ do mundo, esta Vida se retém inteiramente em si mesma que o ego a ignora, ainda que ele exerça o poder que ela lhe dá e que ele se atribui.”¹⁰³

A doação da vida é perfeita e completa, como indica o trecho da canção infantil *O papa-capim*:

Passarinho, se tem asa então é pra voar,
A gaiola nunca foi seu ninho, é na natureza o seu lar.
Vai bichinho, quem se diz dono do teu cantar,
Ignora que Deus te criou, e te deu o céu pra viajar.¹⁰⁴

O ego, quanto mais inserido na profunda vivência de suas atividades, poderes e atribuições, mais se esquece da Vida que lhe concede com estas

¹⁰¹ HENRY, 2014, p. 255.

¹⁰² HENRY, 2015, p. 200.

¹⁰³ HENRY, 2015, p. 202.

¹⁰⁴ O PRÍNCIPE Du'Azul. **O Papa-capim**. Álbum: O Príncipe Du'Azul: Canções Infantis de Pedro Ivo, 2015.

possibilidades. Acaba por ser vítima da ilusão que esta experiência proporciona. Aos poucos tudo é colocado sob o poder do ego, esquecendo-se da Vida que se doa a ele, e também da sua condição de Filho. A consequência inevitável deste esquecimento é a abertura ao mundo¹⁰⁵, que torna o ego disponível ao mundo, livre diante dele e para ele. Esquecendo-se da Vida, de sua condição de Filho, e aberto ao mundo, o próximo esquecimento do ego é o esquecimento dele mesmo. Esquecido de si mesmo o ego lança-se no mundo e para tudo o que este lhe mostra, tornando-o seu único objeto de preocupação.¹⁰⁶

Esta abertura ao mundo, que na sociedade contemporânea é um mundo de dominação econômica e libertação dos papéis sociais como limitadores, como visto no capítulo anterior, traz diversas implicações ao ser humano. Os imperativos de felicidade na atualidade atuam a partir da crença de que o ser humano tem a capacidade inata de realocação social para alcançar o que é necessário para a própria felicidade. Caso não consiga acompanhar o que lhe é proposto existe uma culpabilização por desleixo ou preguiça. A ilusão transcendental do ego adiciona forças a este projeto fadado ao fracasso, pois a compreensão do sujeito a respeito de si mesmo lhe diz que ele é a fonte dos seus poderes.

Neste olhar para o mundo em forma de preocupação o sujeito busca realizar-se a partir dos seus feitos e conquistas, mas não encontra esta realização. Passa a se conceber como um projeto não realizado, buscando sempre a superação. Existe a necessidade de tornar-se, nos termos de Nietzsche, um *Übermensch*¹⁰⁷ para tentar alcançar o inalcançável. O interesse agora está em tudo o que se mostra no mundo. Tudo aquilo que se mostra aos olhos, que está no “lá fora”, é o que realmente merece preocupação, esforço e perseverança. A partir deste novo olhar distante de si, lançado para o “lá fora”, e que dele não se desvia, a

¹⁰⁵ Mundo aqui é compreendido como realidade exterior ao sujeito, com todas as demandas sociais, do mercado, mas propagandas e em especial aos imperativos de felicidade, conforme tema trabalhado. O conceito de mundo aqui apresentado também possui um aspecto de oposição à vida, no sentido fenomenológico. Henry contrapõe o modo de “aparecer do mundo” ao modo de “aparecer da vida”.

¹⁰⁶ HENRY, 2015, p. 203.

¹⁰⁷ *Übermensch*, na língua alemã, é um dos termos principais da obra do filósofo Friedrich Nietzsche. Traduzido para o português geralmente como Super Homem, significa a superação do humano, ou o além-do-homem, como aquele que supera a humanidade racionalmente e principalmente eticamente. O que possui poder para tudo realizar, e que é o ideal a ser alcançado após a *morte de Deus*, outro dos assuntos de sua obra. “Também além apanhei no meu caminho a palavra “Super-homem” e esta doutrina: o homem é uma coisa que deve ser superada; o homem há de ser uma ponte, e não um fim.” NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo, Martin Claret, 2002. p. 168.

vida deixa de ser objeto de reflexão e é totalmente desvalorizada. A vida humana só tem valor pelo que pode construir, produzir ou conquistar. É necessário perceber aquilo que é cobiçado, os bens e possibilidades deste mundo, e aquilo que o mundo aponta como desejável, e caminhar nesta direção. Aqui se tem uma abertura total ao mundo como oferta de produtos e serviços que propõem o alcance a felicidade como visto no capítulo anterior.

Este ser humano da atualidade, entregue às suas próprias realizações, iludido com a possibilidade de transcender a si mesmo amparado pelos próprios poderes, encontrando a realização e cumprindo os imperativos de felicidade, lança-se ao que está disponível no mundo: o consumo, a aquisição de serviços, a busca do corpo perfeito, entre outras possibilidades que lhe são oferecidas. E nelas investe suas energias, sem tempo e sua vida. E assim, na sua impotente imanência, o ser humano da atualidade encontra-se sempre e novamente no que considera a “vida comum” com suas alegrias e sofrimentos, e sem suprir as demandas de felicidade dele exigidas. O discurso da emancipação, da superação dos limites e da total liberdade como possibilidade de alcançar o gozo completo não se concretiza. Restando a ele este mal-estar tão atual, de saber-se responsável por não conseguir alcançar a felicidade.

Os novos desejos e objetivos não têm como fonte a Vida, mas são criados pelo *eu* esquecido do seu nascimento transcendental. Eles são externos ao ego, e se colocam como possibilidade, e por vezes como ordenança. Neste olhar exclusivamente para fora, o não desejar não é uma possibilidade. Pois ao ter se esquecido da Vida e de si mesmo, só resta ao ego desejar e aceitar imperativos externos, ou experienciar o vazio, sem outras possibilidades. Seguindo como Sísifo, a rolar a sua rocha ao alto da montanha incansavelmente. Com a diferença de crer ser este movimento de sua própria iniciativa, e esperando alcançar o resultado da prometida felicidade, que nunca encontra. Sofrendo a acusação social e a autocrítica de não ter alcançado a sua felicidade pela fadiga, preguiça ou falta de esforço. E assim aguarda um novo produto que prometa a felicidade para nele lançar-se.

Mesmo concentrando os interesses no mundo, e fazendo das suas coisas objetos do seu querer, o ego não considera os bens deste mundo em si, mas os considera somente na relação com ele mesmo. Para o ego o mundo não tem valor. Os objetos de desejo são valorosos sempre na relação com o ego. A sua preocupação única, em última análise, é sempre com ele mesmo. O mundo,

percebendo esta realidade humana, utiliza-se deste conhecimento para criar desejos, propondo sempre a completude que o ego busca externamente. “O que ele quer não é a riqueza considerada em si mesma, mas tornar-se rico; não é o poder, mas ele próprio tornar-se poderoso. Não a consideração ou o prestígio, mas ele próprio ser considerado, revestido deste prestígio.”¹⁰⁸ Este projeto de vida remete a parábola¹⁰⁹ contada por Jesus, que narra a história de um homem muito rico, que diante de uma grande produção construiu celeiros grandes e, tendo o futuro financeiro garantido alegrou-se no fato poder adiante apenas descansar, comer e beber. E Deus o chama de insensato, afirmando que na mesma noite morreria, e deixaria tudo o que conquistou.

Na vivência do Eu Posso do ego, preocupado sempre e somente consigo mesmo, é que ele se lança diante de todos estes bens, buscando tê-los para identificar-se e completar-se com eles. Tendo um fim único em si mesmo, empreendendo as mais diversas atividades, o ser humano não deixa de preocupar-se, senão para tomar a mente com outra preocupação e assim durante toda a vida. Henry avalia este processo sistemático em que o ego se constitui como o alfa e o ômega da própria existência, e o chama de egoísmo. Ao relacionar tudo consigo mesmo, paradoxalmente é de si mesmo que o ego sempre se esquece. A este egoísmo, que subsiste na preocupação e relação com as coisas externas, retirando as possibilidades do ego, esquecendo-se de si mesmo, pode-se chamá-lo de egoísmo transcendental.¹¹⁰

3.5 Lembrar-se da vida como superação da alienação do ego

Que possuis que não tenhas recebido? (1Co 4.7)

O que queremos ressaltar com Michel Henry é que o ser humano encontra-se na vida em uma condição de passibilidade. Ele é dado a si na vida, e não possui

¹⁰⁸ HENRY, 2015, p. 203.

¹⁰⁹ “Então (Jesus) lhes contou esta parábola: ‘A terra de certo homem rico produziu muito bem. Ele pensou consigo mesmo: ‘O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita’. ‘Então disse: ‘Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens. E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’. ‘Contudo, Deus lhe disse: ‘Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?’” Lucas 12:16-20, conforme a versão: A BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional (NVI): São Paulo: Vida Nova, 2001.

¹¹⁰ HENRY, 2015, p. 204.

participação alguma nesta doação. O ser humano é gerado na vida de forma passiva. A passibilidade na vida também acontece para os afetos, e na forma que eles se dão. Não se pode fugir da vida e de seus afetos, e também dos sofrimentos que lhe são inerentes. Para a Fenomenologia da Vida este vivente é um ser transcendental. Transcendental porque a sua origem é externa a ele, sendo ele passivo com relação à sua origem. E é na experiência da vida transcendental que se descobre a verdadeira essência do humano. Henry afirma que o ser humano transcendental na experiência com a vida deixa de ser o ser humano natural. E que este humano transcendental é o projeto da fenomenologia.¹¹¹

Para Henry, o ego transcendental não pode nada além de descobrir esta doação da vida, e assim perceber a sua passividade diante dela. Passivo porque nada foi feito para a sua própria geração na vida. Henry exemplifica dizendo que “O futuro não vem de fato de o ego se lançar para ele numa atitude de espera e temor. Muito pelo contrário: é unicamente porque um futuro não cessa de se abrir diante de seu olhar ao modo de um horizonte que esse ego pode voltar-se para ele na espera ou no medo [...]”.¹¹² Este lembrar-se da vida, e compreender-se passivo diante da sua doação, possibilita uma interpretação da vida e de si mesmo que a torna valorosa. A ilusão transcendental do ego é aqui desfeita. Lembrando-se da vida e conseqüentemente de si mesmo, o ego passa a ter condições de perceber sua abertura ao mundo e todos os imperativos que dele provém, e pode agora fazer suas escolhas.

A vida se inicia no ser a partir da construção dos seus códigos na passividade. É na passividade que o bebê é gerado, e que após o nascimento recebe os cuidados da mãe. A Vida é uma subjetividade essencial, da qual todas as demais subjetividades têm a sua origem. A doação ocorre quando a vida faz “prova de si”. O vivente faz a prova de si mesmo na prova que ele faz da Vida, no momento em que se sente vivendo. Essa prova acontece na afetividade. Afeto para a Fenomenologia da Vida não é o mesmo que sentimento, mas precede o sentimento como *poder de sentir*. O afeto como poder de sentir é receptividade pura. Como afirma Wondracek: “A vida [...] conserva em si o que ela revela e como aquilo que

¹¹¹ HENRY, 2015, p. 63.

¹¹² HENRY, 2014, p. 89-90.

lhe possibilita o viver. Por conseguinte, é necessário considerar uma nova relação da vida com o vivente, sem a qual não se pode compreender nada desta.”¹¹³

É nesta afetividade originária que a vida se experimenta a si mesma, e que constitui a sua essência como autorrevelação. A autorrevelação como essência da vida é, nas palavras de Henry, a “*vinda a si da vida*. Pois a vida não é nada além do que se experimenta a si mesmo sem diferir de si, de modo que essa experiência é uma experiência de si e não de outra coisa, uma autorrevelação em sentido radical.”¹¹⁴

Como no conto de Rubem Alves sobre o galo que cantava para fazer o sol nascer. O conto retrata a vida de um galo que tinha por responsabilidade subir na parte mais alta do telhado, ainda de madrugada, para cantar e fazer o sol nascer e o dia raiar. Repetia o glorioso ato dia após dia e assim impressionava todos os bichos da fazenda. Até que um dia perdeu a hora, e acordou com o sol lá no alto. O galo não acreditou, entrou em depressão, virou motivo de chacota e não mais cantou. Até que um dia o galinheiro foi despertado pelo belo canto do galo. Até que um dos bichos perguntou entre gargalhadas: - Está cantando para fazer o sol nascer? E ele respondeu: - Antes, quando eu cantava para fazer o sol nascer, eu era doido varrido. Mas agora eu canto porque o sol vai nascer.¹¹⁵

3.6 Modalização como adesão ao sofrimento – revelação da vida

Como dito anteriormente, o ser humano é dado a si na vida de forma passiva. E esta passibilidade acontece para os afetos dos quais não se pode fugir, por nem um momento. A vida também se dá em forma de sofrimento. Henry fala sobre o sofrimento como algo próprio da vida. E ao observar profundamente a vida faz uma leitura da dor, e de suas várias formas de manifestação. Utilizando-se da reflexão de Henry, Maria Paulina H. Pölking afirma: “Ao tomar a vida e nela encontrar abrigo é como se a sombra da morte pudesse estar mais distante[...] O sofrimento puro também desta forma revela-se. Ele está dentro, não existe distância

¹¹³ WONDRACEK, 2010, p. 72.

¹¹⁴ HENRY, 2014, p. 92.

¹¹⁵ ALVES, Rubem. **Estórias de bichos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990. p. 22-25. Anexo A.

que separe o sofrimento dele mesmo, não há possibilidade de vê-lo ou dele escapar. ‘O sofrimento é invisível como a vida’¹¹⁶.

A vida vem a si em revelação. É assim que ela se dá como doação ao ser humano. O sofrimento possui o mesmo aspecto, ele se revela como sofrimento. A revelação do sofrimento não acontece conforme os conteúdos particulares dos sofrimentos como vivências, mas como o sofrimento considerado como grandeza, ou seja, um aspecto da vida revelada. Henry afirma que “é essa impossibilidade originária para o vivente de se separar da vida o que funda sua própria impotência para se separar de si. Assim, o vivente não pode cortar-se de si mesmo, de seu Si, de sua dor ou de seu sofrimento.”¹¹⁷ Aos conteúdos particulares que os sofrimentos tomam como forma de vivência, Henry chama de tonalidades do sofrimento ou tonalidades afetivas. E é na tonalidade do sofrimento que a vida do ser humano possui a sua origem. Henry exemplifica utilizando-se da analogia do parto. De que mesmo com toda a evolução da ciência e da medicina na busca da analgesia perfeita, o ser humano nasce na dor. “É no sofrer que a vida vem a si, e segue afirmando que é neste sofrimento que, provando-se ela frui de si.”¹¹⁸

Encontrar-se na vida, e vivê-la significa também experienciar todos os seus aspectos. E não apenas alguns aspectos escolhidos a dedo seguindo uma lógica hedonista e obedecendo imperativos de felicidade. A busca por uma vida apenas de felicidades como ordenam os imperativos não condiz com a vida real. E isso não deveria ser compreendido como uma lamentação. Pois uma vida apenas com alegrias e prazeres seria sim um reducionismo das possibilidades da vida. Retomando a afirmação de Maria Rita Kehl, quando fala sobre a tendência atual de patologizar os sofrimentos: “Ao patologizar a tristeza, perde-se um importante saber sobre a dor de viver.”¹¹⁹

Ao mesmo tempo que na atualidade as dores e sofrimentos são compreendidos como conceitos sempre negativos, a vulnerabilidade como condição também é um mal a ser superado. Lipovetzky, na sua leitura da sociedade contemporânea, observa que a organização da sociedade e também os relacionamentos afetivos se dão de forma a esconder vulnerabilidades.¹²⁰

¹¹⁶ PÖLKING, 2015, p. 34.

¹¹⁷ HENRY, 2014, p. 258.

¹¹⁸ PÖLKING, 2015, p. 36.

¹¹⁹ KEHL, 2015, p. 31.

¹²⁰ LIPOVETSKY, 2009, p. 74.

Compreendendo a vulnerabilidade como uma condição humana, também existe um reducionismo nestas relações, sendo que somente um aspecto da pessoa envolvida se dá ao relacionamento. Aqui não está se propondo uma busca ao sofrimento como forma masoquista de viver. Mas sim a adesão a vida completa, com suas experiências de alegrias, grandes felicidades, desejos e também sofrimentos. Sem reducionismos. Esta presença da vida também no sofrimento e nas dificuldades, e a impotência do ser humano para separar-se dela, mostra-se também como um poder. Ou seja, o não poder desfazer-se dos sofrimentos é em si um poder da vida. Como afirma o apóstolo Paulo, “Pois, quando sou fraco é que sou forte” (2Co 12:10).

Compreendendo que o sofrimento é constitutivo da vida, e como uma tonalidade fenomenológica da vida não há como escapar dele. Henry também trata da importância do sofrimento, afirmando que o sofrimento

[...] ergue-se da possibilidade mais íntima da vida [...] é a tonalidade fenomenológica fundamental. ‘Ele pertence ao processo pelo qual a vida advém a si, neste sentido radical e incontrolável que é o sofrer primitivo como ‘sofrer-se’ que o ‘provar-se se cumpre fenomenologicamente’.¹²¹

A Fenomenologia da Vida apresenta uma possibilidade de aceitação do sofrimento, para então transformá-lo em outra disposição afetiva. Este processo é chamado por Michel Henry de modalização.

A modalização do sofrimento é a possibilidade de transformar o sofrimento em fruição, como forma de adesão criativa à vida. A modalização de sofrimentos e outras formas de afetos é também uma possibilidade da aplicação clínica da Fenomenologia da Vida na Psicopatologia e Psicoterapia. Um exemplo de modalização do sofrimento apresentado por Pölking, a partir de um grupo de apoio de mulheres com diagnóstico de câncer de mama, apresenta o relato de uma das participantes:

É um despençar que faz com que se chegue lá embaixo, mas quando o pé toca o fundo é como se uma força viesse, e dela o impulso para subir. Hoje me vejo menos egoísta. Penso em mim é claro, mas consegui aceitar que cada pessoa tem o seu jeito de ser e não sou quem vai determinar. Passei a ser menos rabugenta, egoísta, intransigente e isto me colocou mais próxima afetivamente de quem me rodeia e eu amo.¹²²

O relato apresenta o sofrimento e a modalização transformada em outra tonalidade de fruição, como experiência do ser e do sentir-se na vida. Toda dor é a

¹²¹ PÖLKING, 2009, p. 42.

¹²² PÖLKING, 2009, p. 44.

expressão do sofrimento puro que expressa a passividade do *pathos*. E é neste sofrer como passividade onde também se realiza o provar-se da vida. Para Henry o sofrer não é um lugar onde se está por um momento, e que em seguida deva ser deixado para então ir ao outro lugar onde está a alegria. Ele afirma que “o sofrer permanece no fruir como *o que conduz a ele na medida em que permanece nele*, como sua condição interior e jamais abolida. Pois é somente em seu ‘sofrer-se a si mesmo’ e na medida em que ele se cumpre que a vida se atinge a si mesma no fruir de sua própria fruição.”¹²³

¹²³ HENRY, 20115, p. 283.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como propósito desenvolver uma análise a respeito da relação entre o mal-estar da atualidade e a cultura dos imperativos de felicidade. E para isso utilizou-se de diversos autores e, em especial de Michel Henry a partir da sua Fenomenologia da Vida. O primeiro capítulo abordou as características da sociedade contemporânea que contribuem para o desenvolvimento e a manutenção dos imperativos de felicidade como imposições ao ser humano da atualidade. Uma compreensão fundamental a respeito do mal-estar vivido na atualidade se deu a partir de Zygmunt Bauman, que remete a sua origem em uma espécie de liberdade de procura do prazer que não leva em conta a segurança individual. Ou seja, a busca pela felicidade é colocada acima de todas as outras necessidades, como objetivo fundamental.

Outra característica da sociedade contemporânea que possibilita a pretendida relação entre mal-estar da atualidade e os imperativos de felicidade é a superação de qualquer limite que possa reprimir ou desautorizar a realização pessoal. Esta emancipação se dá a partir da queda dos universais, das éticas, das crenças e também das relações. Buscando a realização, e já sem limitações, se criam novas habilidades e recursos, e se faz tudo o que é possível em nome da realização pessoal. Sem deixar de avançar. Mantendo-se sempre em movimento. Esta emancipação viabiliza também a aceitação e prática de uma cultura hedonista, outrora censurada. Estando a sociedade atual neste novo movimento, aberta a cultura hedonista, sem limites, e em prol da realização pessoal, tem-se um campo fértil para a manutenção dos imperativos de felicidade.

Em cada época a sociedade vivencia formas diferentes de mal-estar. Freud aponta o mal-estar na sociedade moderna como um mal-estar gerado pelo convívio social, pois o Outro, na leitura psicanalítica, se coloca como um limitador de ações. Porém, este mal-estar é descrito por Freud como algo necessário para a sobrevivência da própria civilização. Já a sociedade contemporânea busca a superação deste Outro limitador, em prol da realização pessoal. O formato de relação social que considera o limite do próprio direito onde inicia do direito do outro, que também possui desejos, e que deve ser respeitado é ultrapassado. O mal-estar aqui é gerado pela queda da característica social do ser humano, pois o outro

relacional torna-se um estranho, com o qual não há identificação. O relacionamento com o outro é válido somente diante da utilidade deste para que se consiga chegar a um fim.

A relação entre o mal-estar da atualidade como resultado dos imperativos de felicidade, proposta pela pesquisa, também é possibilitada pela busca de superação do sofrimento, ou patologização do sofrimento, presente na atualidade. As ideologias biologizantes aliadas à busca de satisfação pessoal tomam qualquer dificuldade como algo a ser superado. Na sociedade hedonista todo e qualquer desprazer se torna insuportável. As soluções biologizantes logo entram em cena, afirmando fatores genéticos, fechando diagnósticos e prescrevendo medicamentos, para logo solucionar o sofrimento. Mesmo em se tratando de questões emocionais e psicológicas, não se buscam causas, e nem sentidos para os sintomas. O importante é que o sujeito não se sinta responsável por seus problemas. Tampouco o sistema familiar é questionado. A causa é sempre orgânica e impessoal, assim como a solução impessoal prescrita e adquirida em uma farmácia.

O mercado e o marketing também foram descritos como consolidadores dos imperativos de felicidade. Como a felicidade aqui tratada refere-se a algo sem formas, não nomeada e intangível, as empresas de marketing se especializaram em travestir produtos e serviços em promessas de felicidade. E com isso acabam mantendo uma propaganda maciça, oferecendo toda sorte de produtos e serviços prometendo aos seus clientes o alcance da felicidade. E assim a sociedade contemporânea mantém-se em movimento, com o seu objetivo sempre no futuro, e nunca alcançado. Aos que tem possibilidade de consumir o objeto desejado na busca de satisfação, logo após adquiri-lo sentem-se insatisfeitos e a prometida felicidade não é alcançada, restando à busca por um novo objeto de desejo. Para a fatia não abastada da sociedade sobra a culpa por não conseguir, com os seus próprios esforços, adquirir o que lhe traria a felicidade.

A partir da análise das características da sociedade contemporânea, realizada no primeiro capítulo da pesquisa, concluiu-se que os imperativos de felicidade possuem forte relação com o desenvolvimento de um mal-estar para o ser humano e para a sociedade. Restando ainda uma avaliação dos desdobramentos deste mal-estar, assim como a investigação de alternativas para o ser humano diante dele.

O segundo capítulo da pesquisa foi desenvolvido com este objetivo, utilizando como base os conceitos da Fenomenologia da Vida de Michel Henry. Henry considera a produção cultural como o fruto e forma de existir da humanidade, e conseqüentemente da vida. Em sua leitura da sociedade contemporânea, descreve a desconstrução da cultura e a extinção da subjetividade humana como resultado da ciência moderna, sendo ela considerada a única forma de conhecimento válida, o que chamou de *barbárie*.

Na barbárie a ciência moderna não está a serviço do ser humano. Esta se utiliza do método científico de Galileu, que propõe a leitura técnica da realidade, excluindo dela tudo o que for subjetivo. O olhar técnico para produzir conhecimento matemático cartesiano é estendido a todas as áreas, inclusive à vida humana. Assim o corpo humano passa a ser estudado geometricamente. Conseqüentemente o ser humano passa a ser conhecido como os demais objetos, e não mais sendo diferenciando deles. Aqui se tem uma nova forma de mal-estar. De uma ciência que perde a sua vocação de estar a serviço do ser humano, e que contribui para a sua “coisificação”. É na esfera da subjetividade que está a vida humana, com suas representações, sentimentos, sensações, e pensamentos não lineares, incapazes de serem reproduzidos cientificamente. Uma ciência que exclui a subjetividade exclui a vida.

O segundo capítulo da pesquisa abordou o mal-estar como exclusão da vida. Esta exclusão é fruto da retirada da percepção sensível da vida, ao perceber o ser humano apenas como um corpo capaz de domínio pelas ciências biológicas. A consequência é a falta de um saber sobre si mesmo, aguardando um saber externo, que lhe diga quem é e o que deve fazer. Aqui se tem uma abertura ao mundo, e conseqüentemente uma abertura aos imperativos de felicidade. O conceito henryano ilusão transcendental do ego foi utilizado para construir a relação entre os temas propostos pela pesquisa. A ilusão transcendental do ego significa a ilusão do ser humano de considerar-se como fonte e origem de si mesmo. Nesta ilusão o sujeito vive do querer e poder, atribuindo a si mesmo todas as suas capacidades e habilidades. Aberto ao mundo e iludido com as possibilidades de transcender a si mesmo lança-se ao mundo na tentativa de cumprir os imperativos de felicidade alcançando por si mesmo a realização completa.

Como alternativa a esta ilusão e alienação do ego, e conseqüentemente ao mal-estar gerado, Henry propõe a lembrança do nascimento na vida. Pois para

Henry, o ego não pode nada além de descobrir esta doação da vida, e assim perceber-se completamente passivo diante dela. Lembrando-se da vida o ser humano descobrirá a sua verdadeira essência, a sua subjetividade humana, originada na Vida como subjetividade essencial. Este lembrar-se da vida tem como consequência a valorização da própria vida humana. A ilusão transcendental do ego e sua alienação são desfeitas aqui. Ao lembrar-se de ser doado na vida e conseqüentemente de si mesmo, o ego passa a ter condições de perceber sua abertura ao mundo e todos os imperativos que dele provém, e pode agora fazer suas escolhas. E diferentemente do que espera a cultura da superação do sofrimento, o ser humano não pode fugir da vida, e das suas alegrias e sofrimentos. Mas estando na vida poderá modalizar sofrimentos, transformando-os em fruição, como forma de adesão criativa à vida.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional (NVI): São Paulo: Vida Nova, 2001.
[As outras referências à Bíblia são retiradas da obra de Michel Henry]

ALVES, Rubem. **Estórias de bichos**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **O Médico**. Campinas: Papyrus, 2002.

ANTÚNEZ, Andrés E. A.; WONDRACEK Karin H. K. Fenomenologia em Michel Henry: Implicações na Psicopatologia e Psicoterapia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XVIII, n. 1, p. 3-12, jan-jun, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v18n1/v18n1a02.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Editora Record, 1999.

BOCK, Ana Maria. **A Psicologia e as Psicologias**. p. 76-78. Disponível em: <<http://files.portfolioeducacional.webnode.pt/200000047-a3b16a4aaf/A%20Psicologia%20e%20as%20Psicologias.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2018.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FORBES, Jorge. **Você quer o que deseja?** Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. Volume XXI.

_____. Além do princípio de prazer. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Volume XVIII.

GÉLY, Raphaël. **Sufrimento e atenção social à vida** – elementos para uma fenomenologia radical do cuidado. Trad. Florinda Martins. [s.n.]: [s.l.], 2009.

GOBIS, Rafael Augusto. **Platão e a distinção entre o Mundo Sensível e o Mundo das Ideias**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/platao-e-a-distincao-entre-o-mundo-sensivel-e-o-mundo-das-ideias/6969/>>. Acesso em: 02 maio. 2018.

GOLDENBERG, Ricardo (Org.). **Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise**. Salvador: Ágalma, 1997.

HENRY, Michel. **A Barbárie**. São Paulo: Realizações Editora, 2012.

_____. A felicidade de Espinosa. Trad. Florinda Martins, In: MARTINS, Florinda; LOURENÇO, Olga (Orgs.). **A felicidade**: Fénix renascida do niilismo. Lisboa: Mathesis; Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

_____. **Encarnação**. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

_____. **Eu sou a verdade**: por uma filosofia do cristianismo. São Paulo: Editora Realizações, 2015.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicanálise e desenvolvimento infantil**: um enfoque transdisciplinar. Trad. Diana Myriam Lichtenstein. 3. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. Bomtempo Editorial, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Manole, 2009.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. Interpretação Bíblica. São Leopoldo: Editora Sinodal. 2003. Vol. 8.

MARTINS, Érica da Silva; SILVA, Matheus Mariano da. A Barbárie em Michel Henry. **Anais...** XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesical (Eclesiocom), Engenheiro Coelho, São Paulo, 2016.

MARTINS, Florinda; CARDOSO, Adelino (Orgs.). **A felicidade na fenomenologia da Vida**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

MATTA, Felipe S.; PEDRON, Camila B. (Orgs.). **Dependência Química**: aportes para o Atendimento Psicossocial. Blumenau: Cruz Azul no Brasil, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo, Martin Claret, 2002.

O PRÍNCIPE Du'Azul. **O Papa-capim**. Álbum: O Príncipe Du'Azul: Canções Infantis de Pedro Ivo, 2015.

PÖLKING, Maria Paulina Hummes. **O que podem os corpos unidos frente ao que um câncer gera?**: reflexões sobre um grupo de apoio de mulheres com diagnóstico de câncer de mama a partir da fenomenologia da vida de Michel Henry. 2015. 91 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2015.

RELATÓRIO Global da Organização Mundial da Saúde, 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth, PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **Da felicidade ao pathos**: uma introdução à Fenomenologia da Vida de Michel Henry. p. 1-9. Disponível em: <<http://sig.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Da-felicidade-ao-pathos-publi.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2018.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. **Ser nascido na vida**: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica. São Leopoldo, 2010. 257 f. Tese (Doutorado) – Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2010 Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=245>. Acesso em: 10 out. 2017.

ANEXO A

O galo que cantava para fazer o sol nascer

Era uma vez um galo que acordava bem cedo todas as manhãs e dizia para a bicharada do galinheiro:—Vou cantar para fazer o sol nascer... Ato contínuo, subia até o alto do telhado, estufava o peito, olhava para o nascente e ordenava, definitivo: —Có-có-ri-có-có... E ficava esperando. Dali a pouco a bola vermelha começava a aparecer, até que se mostrava toda, acima das montanhas, iluminando tudo. O galo se voltava, orgulhoso, para os bichos e dizia: — Eu não falei? E todos ficavam biqui/abertos e respeitosos ante poder tão extraordinário conferido ao galo: cantar pra fazer o sol nascer. Dali a pouco a bola vermelha começava a aparecer, até que se mostrava toda, acima das montanhas, iluminando tudo. O galo se voltava, orgulhoso, para os bichos e dizia: — Eu não falei? E todos ficavam “biquiabertos” e respeitosos ante poder tão extraordinário conferido ao galo: cantar pra fazer o sol nascer. Ninguém duvidava. Tinha sido sempre assim. Também o galo-pai cantara para fazer o sol nascer, e o galo-avô. Tal poder extraordinário provocava as mais variadas reações. Primeiro, os próprios galos não estavam de acordo. E isto porque não havia um galo só. Quando a cantoria começava, de madrugada, ela ia se repetindo pelos vales e montanhas. Em cada galinheiro havia um galo que pensava a mesma coisa e julgava todos os outros uns impostores invejosos. Além do que não havia acordo sobre a partitura certa para fazer o sol nascer. Cada um dizia que a única verdadeira era a sua —todas as outras sendo falsificações e heresias. Em cada galinheiro imperava o terror. Os galos jovens tinham de aprender a cantar do jeitinho do galo velho, e se houvesse algum que desafinasse ou trocasse bemóis por sustentidos, era imediatamente punido. Por vezes, a punição era um ano de proibição de cantar. Sendo mais grave o desafino, ameaçava-se com o caldeirão de canja do fazendeiro, fervendo sobre o fogão de lenha. [...] Depois havia grande ansiedade entre os moradores do galinheiro. E se o galo ficasse rouco? E se esquecesse da partitura? Quem cantaria para fazer nascer o sol? O dia não amanheceria. E por causa disso cuidavam do galo com o maior cuidado. Ele, sabendo disso, sempre ameaçava a bicharada, para ser mais bem tratado ainda. — Olha que eu enrrouqueço!, dizia. E todos se punham a correr, para satisfazer as suas

vontades. [...] Aconteceu, como era inevitável, que certa madrugada o galo perdeu a hora. Não cantou para fazer o sol nascer. E o sol nasceu sem o seu canto. O galo acordou com o rebuliço no galinheiro. Todos falavam ao mesmo tempo. — O sol nasceu sem o galo... O sol nasceu sem o galo... O pobre galo não podia acreditar naquilo que os seus olhos viam: a enorme bola vermelha, lá no alto da montanha. Como era possível? Teve um ataque de depressão ao descobrir que o seu canto não era tão poderoso como sempre pensara. E a vergonha era muita. Os bichos, por seu lado, ficaram felicíssimos. Descobriram que não precisavam do galo para que o sol nascesse. O sol nascia de qualquer forma, com galo ou sem galo. Passou-se muito tempo sem que se ouvisse o cantar do galo, de deprimido e humilhado que ele estava. O que era uma pena: porque é tão bonito. Canto de galo e sol nascente combinam tanto. Parece que nasceram um para o outro. Até que, numa bela manhã, o galinheiro foi despertado de novo com o canto do galo. Lá estava ele, como sempre, no alto do telhado, peito estufado. —Está cantando para fazer o sol nascer?, perguntou o peru em meio a uma gargalhada.—Não, ele respondeu. Antes, quando eu cantava para fazer o sol nascer, eu era doido varrido. Mas agora eu canto porque o sol vai nascer. O canto é o mesmo. E eu virei poeta.

ALVES, Rubem. **Estórias de bichos**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 22- 25.